

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A INICIAÇÃO ESPORTIVA AO ROPE SKIPPING:
UMA AVALIAÇÃO DA PROPOSTA DESENVOLVIDA JUNTO AO
PROJETO DE EXTENSÃO DA FEF/UNICAMP

LUÍS OTÁVIO MENDES



CAMPINAS

2004



LUÍS OTÁVIO MENDES

A INICIAÇÃO ESPORTIVA AO ROPE SKIPPING:
UMA AVALIAÇÃO DA PROPOSTA DESENVOLVIDA JUNTO AO
PROJETO DE EXTENSÃO DA FEF/UNICAMP

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para obtenção do título de graduação – Bacharel em Treinamento e Esportes sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Prodócimo.



CAMPINAS

2004

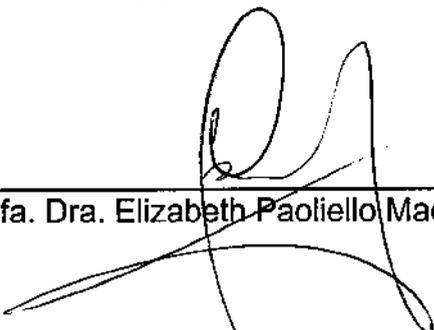
LUÍS OTÁVIO MENDES

A INICIAÇÃO ESPORTIVA AO ROPE SKIPPING:
UMA AVALIAÇÃO DA PROPOSTA DESENVOLVIDA JUNTO AO
PROJETO DE EXTENSÃO DA FEF/UNICAMP

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para obtenção do título de graduação – Bacharel em Treinamento e Esportes sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Prodócimo.



Profa. Dra. Elaine Prodócimo



Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza

CAMPINAS

2004

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo apoio prestado e também pelo exemplo de vida digna.

Às minhas irmãs pela compreensão e respeito.

Aos funcionários da FEF que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação acadêmica. São eles: Mariângela, Rita, Maria, Dora, Simone, César, Marcelo, Newton, Geraldinho, Milton, Orlando, Beroth, Fátima, Marli, Gonzaga, Geraldo, Dulce Andréa, Lena, Tião, Andréa (ginásio), Paulinho (piscina), Lurdinha, Zé, Laércio, e Cido. Vocês foram e são muito importantes para mim.

A todos os professores competentes, verdadeiramente empenhados e engajados com seus trabalhos e compromissos na FEF.

À professora Beth por trazer o Rope Skipping até nós e também pelo apoio prestado durante esses anos.

Aos alunos-amigos que passaram pelo Projeto de Extensão de Rope Skipping da FEF aos longo desses anos. Obviamente que acabamos nos envolvendo mais com alguns do que com outros, mas gostaria de, nesse momento, agradecer a todos, indiscriminadamente.

Ao Milton, ao Roger e ao Leo que colaboraram diretamente na preparação das imagens desse trabalho.

Aos amigos que por semelhança de vida, afinidade, afeição ou sei lá o que, protagonizaram os meus melhores momentos na faculdade. Citar nomes é difícil, mas evidentemente alguns se fizeram mais presentes. São eles: Alan, Antonio, Renato, Célio, Fanta, Michelletto, Sérgio, Murilo, Pablo, Fabiano, Adriano, Fernando Rossini,

Fernando Moura, Daniel, Toninho e Guto. Desculpe-me se esqueci de alguém e, por favor, não me matem por isso. Levem, todos, o meu muito obrigado e a certeza de que vocês foram fundamentais nessa fase da minha vida.

Além desses, a todas amizades novas feitas nesses cinco anos, independente de turmas.

Em especial àquele que sabe que modificou os rumos do meu curso. Valeu, Gu!

A essa mulher magnífica que, além de esbanjar competência, nos contagia com o seu lindo sorriso. Obrigado, Elaine!

A ela que, além de me ajudar diretamente na construção desse trabalho, vem fazendo da minha vida ainda mais feliz. Obrigado, Má!

Desejo que Deus ilumine o caminho da vida de cada um pelo bem que me fizeram!

RESUMO

O Rope Skipping é uma nova modalidade esportiva recém introduzida no Brasil cuja prática consiste basicamente em pular corda de diversas maneiras, incluindo acrobacias e manobras com a própria corda. Desde 2002 a FEF/UNICAMP oferece como projeto de extensão à comunidade local a oportunidade de se conhecer e aprender um pouco mais sobre o Rope Skipping. Porém, a maneira como isso vinha acontecendo até então estava baseada apenas na experiência da prática daqueles que o ministravam. Pensando nisso é que o presente trabalho analisou as propostas de aulas aplicadas no projeto de extensão de Rope Skipping da FEF/UNICAMP no segundo semestre de 2004, a fim de avaliar a forma como o mesmo vem sendo ministrado. Para tanto, consideramos as catorze primeiras aulas desse semestre, sobre as quais os dois professores ministrantes do projeto realizaram um relatório para cada aula. Em seguida, fizemos uma análise para cada uma das catorze aulas a partir dos pontos mais relevantes anotados nos dois relatórios da aula considerada. Ao final das catorze aulas e pautados nos relatórios e análises coletados, realizamos ainda uma análise geral e apresentamos algumas sugestões sobre as principais questões verificadas. De acordo com o observado, surgiram pequenos empecilhos como, por exemplo, a baixa dinamicidade na execução de algumas tarefas e as dificuldades dos alunos com relação à variação de ritmos. No entanto, constatamos também, entre outros, o quão benéfico é para o processo de ensino-aprendizagem do Rope Skipping a exploração do ambiente de cooperação entre os aprendizes.

Palavras-chave: rope skipping, iniciação esportiva, ensino-aprendizagem, zona de desenvolvimento proximal, Vygotsky.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: corda simples, roda chinesa e corda dupla holandesa.....	13
Figura 2: salto abre e fecha.....	29
Figura 3: salto frente e trás.....	29
Figura 4: salto abre e cruza.....	29
Figura 5: salto lado e salta.....	29
Figura 6: entrada e saída nas duas cordas.....	32
Figura 7: cruzado simples.....	41
Figura 8: lado e cruza.....	41
Figura 9: cruzado pra trás.....	41
Figura 10: giro para trás.....	41
Figura 11: giro para frente.....	41
Figura 12: speed.....	45
Figura 13: salto com duas cordas cruzadas.....	49
Figura 14: salto com corda grande e pequena.....	52
Figura 15: salto passando a mão abaixo do joelho.....	55
Figura 16: roda de cordas.....	58
Figura 17: salto intercalado em forma de "w".....	62
Figura 18: traveller.....	72
Figura 19: cruza-cruza.....	72
Figura 20: zerinho nas duas cordas alternadas.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conteúdo programado para a aula 1.....	29
Quadro 2: Conteúdo programado para a aula 2.....	32
Quadro 3: Conteúdo programado para a aula 3.....	37
Quadro 4: Conteúdo programado para a aula 4.....	41
Quadro 5: Conteúdo programado para a aula 5.....	45
Quadro 6: Conteúdo programado para a aula 6.....	49
Quadro 7: Conteúdo programado para a aula 7.....	52
Quadro 8: Conteúdo programado para a aula 8.....	55
Quadro 9: Conteúdo programado para a aula 9.....	58
Quadro 10: Conteúdo programado para a aula 10.....	62
Quadro 11: Conteúdo programado para a aula 11.....	66
Quadro 12: Conteúdo programado para a aula 12.....	69
Quadro 13: Conteúdo programado para a aula 13.....	72
Quadro 14: Conteúdo programado para a aula 14.....	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O QUE É O ROPE SKIPPING.....	12
3 PRINCÍPIOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS.....	16
4 MÉTODO.....	22
4.1 PARTICIPANTES.....	22
4.1.1 Os professores.....	22
4.1.2 Os alunos.....	23
4.1.2.1 Caracterização do grupo de alunos.....	23
4.2 COLETA DOS DADOS.....	25
4.2.1 Programação.....	25
4.2.2 Aplicação.....	26
4.2.3 Relatórios.....	26
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	26
4.3.1 Análise de cada aula.....	26
4.3.2 Análise geral e sugestões.....	27
5 RESULTADOS.....	28
5.1 Aula 1 (24/08/04).....	29
5.2 Aula 2 (26/08/04).....	32
5.3 Aula 3 (31/08/04).....	37
5.4 Aula 4 (02/09/04).....	41
5.5 Aula 5 (09/09/04).....	45
5.6 Aula 6 (14/09/04).....	49
5.7 Aula 7 (19/09/04).....	52
5.8 Aula 8 (21/09/04).....	55
5.9 Aula 9 (23/09/04).....	58
5.10 Aula 10 (28/09/04).....	62
5.11 Aula 11 (30/09/04).....	66
5.12 Aula 12 (05/10/04).....	69
5.13 Aula 13 (07/10/04).....	72
5.14 Aula 14 (14/10/04).....	76
5.15 Análise geral e sugestões.....	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
6.1 Conhecer as intenções e os interesses dos alunos.....	86
6.2 Estímulo ao aprendizado, ao desenvolvimento social, à solidariedade e à empatia.....	87
6.3 Incentivo à autonomia, criticidade e criatividade.....	87
6.4 Nossa peculiar conduta pedagógica no ensinamento do Rope Skipping.....	88
6.5 A exploração do caráter lúdico do Rope Skipping nas aulas.....	88
6.6 A variabilidade de ação sobre a proposta apresentada.....	89
6.7 O efeito dos relatórios sobre a nossa prática pedagógica.....	89
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

7.1 Bibliografia Complementar.....	92
8 APÊNDICE A.....	94

1 INTRODUÇÃO

O Rope Skipping – pular corda, em inglês – é uma nova modalidade esportiva competitiva e/ou demonstrativa que consiste em pular corda das formas mais variadas possíveis. Ela chegou ao Brasil em 2000 por meio do grupo belga Rivierenhof Club. Com o intuito de divulgar essa novidade aos brasileiros o Rivierenhof Club escolheu alguns locais do país para ministrar cursos, workshops e também realizar suas apresentações (performances). Dentre esses locais escolhidos, um deles foi a Faculdade de Educação Física da UNICAMP (FEF/UNICAMP). Na ocasião, o grupo belga pode oferecer um workshop aos alunos dessa faculdade.

Logo no ano seguinte, em 2001, um grupo restrito de alunos da própria FEF/UNICAMP, empolgados com a nova modalidade esportiva, passou a se reunir para praticá-la e fundou-se, assim, o UNIJUMP, grupo de Rope Skipping da UNICAMP. Possivelmente este tenha sido o primeiro grupo com esse propósito no Brasil.

Posteriormente, em 2002, com a iniciativa da, até então, aluna da FEF/UNICAMP, Ana Paula Barbosa Sato, criou-se nessa mesma faculdade um projeto de extensão – existente até hoje – com o objetivo de ensinar Rope Skipping para toda a comunidade da UNICAMP e demais que se interessassem. A princípio, provavelmente por se tratar de algo bastante desconhecido do público, o projeto praticamente atraiu apenas alunos da própria FEF/UNICAMP que, recentemente, já haviam tido contato com a modalidade por meio do workshop ministrado pelos belgas. Atualmente, essa supremacia de alunos da FEF/UNICAMP não é verificada no projeto e ele acolhe alunos e funcionários de toda a universidade, além de outras pessoas pertencentes à comunidade local.

Desde que fora criado, o referido projeto vem sendo oferecido todos os semestres gratuitamente à comunidade e, com isso, tem se demonstrado como um espaço extremamente importante para a difusão do Rope Skipping. É nele que está se conseguindo formar os primeiros adeptos dessa nova prática esportiva.

Ao contrário do que ocorre em workshops, cursos e aulas abertas, o projeto de extensão tem a vantagem de proporcionar ao professor maior possibilidade de ação/intervenção durante o processo de ensino-aprendizagem, o que é fundamental

tanto para quem está ensinando quanto para quem está aprendendo algo. Como são oferecidas duas aulas por semana, existe mais tempo para praticar e consequentemente conhecer melhor o Rope Skipping.

Contudo, mesmo o projeto de extensão possuindo esta evidente vantagem, convém ainda saber de que forma esse trabalho vem acontecendo. Ao que consta, o método de ensino de Rope Skipping que é aplicado atualmente no projeto nasceu, simplesmente, a partir da experiência de prática daqueles que o ministram.

Independentemente do fato de se tratar de uma modalidade recente, o processo de ensino-aprendizagem do Rope Skipping necessita de uma fundamentação científica. Todavia, ao menos nesse caso em particular, esta fundamentação por enquanto inexistente. Por outro lado, é até compreensível que isso ocorra, pois, até o presente momento, são raras as publicações a respeito do assunto.

Sendo assim, mesmo que o projeto de extensão da FEF/UNICAMP venha desempenhando, por si só, a nobre função de propalar o Rope Skipping, faz-se necessário ainda verificarmos a eficácia da estratégia de ensino adotada pelos professores responsáveis por esse projeto. É justamente isso que visamos no presente trabalho: analisar as propostas de aulas aplicadas no projeto de extensão de Rope Skipping da FEF/UNICAMP no segundo semestre de 2004 a fim de avaliarmos a forma como o mesmo vem sendo ministrado.

Antes disso, para melhor apresentá-la ao público que ainda não a conhece, faremos uma breve descrição sobre o que é de fato essa nova modalidade esportiva relatando algumas de suas principais características. Também realizaremos um levantamento bibliográfico acerca de didática e pedagogia em Educação Física. Desse modo, além de contribuir cientificamente na área com a difusão do Rope Skipping, pretendemos auxiliar na atuação dos profissionais que por ventura venham a trabalhar futuramente com essa modalidade.

2 O QUE É O ROPE SKIPPING

O Rope Skipping constitui-se numa nova modalidade esportiva que nasceu nos EUA a partir da sistematização da antiga prática de pular corda. O que um dia foi uma brincadeira exclusiva do público infantil se tornou esporte e hoje em dia, em vários países da Europa, principalmente, é muito praticado tanto por crianças como adultos de ambos os sexos. Trata-se de uma modalidade que ano após ano cresce cada vez mais no mundo esportivo.

Historicamente, essa atividade começou a se constituir de fato como uma modalidade esportiva ao final da década de 1970. De acordo com o site da Federação Internacional de Rope Skipping (FISAC-IRSF), o jogador de futebol americano Richard Cendali passou a criar novas formas de pular corda em seus treinos físicos. Como Cendali também era professor de Educação Física, decidiu, então, aplicar em seus alunos as experiências que vinha desenvolvendo individualmente com a corda. A idéia do professor teve tamanha aceitação por parte dos alunos que eles, além de se exercitarem com os saltos recém apresentados, também passaram a inventar novas maneiras de saltar. Com o tempo essa prática foi ganhando novos adeptos, se sistematizando e difundindo-se para outras localidades dos EUA e do mundo.

O Rope Skipping como prática esportiva caracteriza-se pela realização de acrobacias, giros, saltos, e diversos movimentos oriundos da ginástica, tudo isso conciliado com saltos à corda. Normalmente os elementos inclusos são de difícil execução, o que exige muita habilidade por parte do praticante. São realizados “truques” com a corda que sempre acabam impressionando ao público que assiste.

Os saltos com as mais variadas manobras possíveis são feitos numa seqüência escolhida pelo praticante e na maior velocidade que se conseguir. A forma como a corda é batida e saltada no Rope Skipping também varia muito. Sato (2002, p. 10) assim descreve as três formas mais comumente encontradas:

Single Rope (corda simples): quando uma pessoa salta com apenas uma corda; [...] Chinese Wheel (roda chinesa): quando duas ou mais pessoas, cada uma portando uma corda, executam saltos combinados sobre a sua própria corda, entretanto com uma ponta batida por ela mesma e a outra ponta por outra pessoa; [...] Double Dutch (corda dupla holandesa): quando uma ou mais pessoas saltam entre duas

cordas, normalmente grandes, batidas alternadamente por outras duas pessoas que se defrontam. (Vide **Figura 1**).

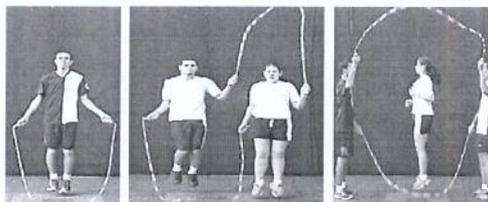


Figura 1: corda simples, roda chinesa e corda dupla holandesa.

A partir dessas três formas de batidas de corda e dependendo do nível de criatividade e habilidade dos praticantes é possível se desenvolverem diversos saltos combinando os elementos.

No que se refere à competição dessa modalidade, ela se faz avaliando aspectos como criatividade, velocidade, sincronismo e combinação dos elementos executados durante uma apresentação (performance), que pode se dar individualmente ou em equipe. Esta apresentação costuma vir acompanhada de uma música, caracterizando-a, assim, como uma composição coreográfica.

Segundo Sato (2002), para cada forma de competição – individual ou em equipe – existem várias provas específicas. No individual as provas avaliam predominantemente a velocidade, a dificuldade e a precisão dos saltos, enquanto nas provas em equipe valorizam-se a coordenação, o sincronismo e a criatividade. Apesar da realidade do Rope Skipping no Brasil ainda não nos permitir aplicar competições nos moldes das que ocorrem na Europa e EUA – pois ainda somos carentes de praticantes – discorreremos em seguida brevemente sobre algumas das provas.

Numa dessas provas de velocidade do individual, o competidor, dentro de um tempo estipulado, salta a própria corda impulsionando-se alternadamente com cada pé, como se estivesse correndo sem sair do lugar. Todavia, ocorre que o competidor dessa prova é muito veloz e acaba tocando várias vezes o solo seguidamente, o que dificulta a contagem dos juízes. Convencionou-se, então, para efeito de pontuação, contar apenas os toques que são realizados no solo pelo pé direito do competidor. Mesmo assim, para facilitar o trabalho dos árbitros, costuma-se fazer essa contagem eletronicamente por meio de um aparelho que é colocado junto ao solo.

Outras provas de velocidade existentes no individual são as de saltos duplos ou triplos. Nos saltos duplos a corda tem que passar duas vezes por baixo do competidor a

cada vez que ele sai do solo e, nos saltos triplos, três vezes. Na prova de saltos duplos, estipula-se um tempo (normalmente 30 segundos) e contam-se quantos saltos duplos são realizados nesse período. Já na prova de saltos triplos não importa o tempo, mas sim a quantidade de saltos realizados em seguida sem erros.

Também há provas de velocidade em equipe, mas estas são realizadas com duas cordas grandes (Double Dutch). No entanto, as provas em equipe que mais chamam a atenção do público são as que se dão em forma de apresentações/performances, utilizando tanto as cordas pequenas quanto as grandes. Acompanhadas de músicas, estas apresentações trazem o que há de mais atraente no Rope Skipping, que são os movimentos acrobáticos e as demais manobras de difícil execução com a corda. A avaliação, nesse caso, assemelha-se à que ocorre nas provas de Ginástica Rítmica, pois o que está em questão é a criatividade dos saltos, a perfeição dos movimentos e o sincronismo da equipe. Diferentemente do que ocorre com as provas de velocidade, a avaliação das apresentações se dão por critérios bem mais subjetivos.

Em países em que o Rope Skipping já existe há algum tempo podemos encontrar instituições e federações incumbidas de regulamentar essa prática. São elas também que organizam os campeonatos nacionais e regionais. A FISAC-IRSF (Fédération Internationale de Saut à la Corde – International Rope Skipping Federation) é a maior de todas essas instituições e tem a função de coordenar o Rope Skipping no mundo. Até este ano, 2004, já foram realizados quatro Campeonatos Mundiais de Rope Skipping. Os locais e datas foram os seguintes: Sidney-Austrália em 1997; Saint Louis-EUA em 1999; Gent-Bélgica em 2002; e Tallebudgera-Austrália neste ano. Baseando-se apenas nessa peculiaridade organizacional do Rope Skipping, é possível afirmar que ele já apresenta características de um Esporte de Alto Nível.

Quanto ao espaço físico destinado para a prática dessa novidade, não há muitas restrições a se fazer. Pode-se praticá-la em qualquer área com terreno plano, livre apenas de saliências para se evitar lesões (torções) e de teto alto (se a área for coberta), para que a corda não bata.

Já o material utilizado, as cordas, tem de ser leve e maleável, permitindo maior agilidade e rapidez dos movimentos. As que são fabricadas especificamente para esse

fim ainda não são encontradas no mercado nacional, no entanto, é possível se produzir artesanalmente, com baixo custo financeiro, cordas bem similares.

Com isso, podemos inferir que o Rope Skipping se trata de uma modalidade esportiva que apresenta plenas condições de ser praticado no Brasil, principalmente pelo fato de não requerer local próprio e também não exigir grandes investimentos pelo praticante. Atualmente, o que a referida modalidade necessita é de maior divulgação para encontrar mais pessoas interessadas em se tornarem adeptas dessa nova atividade. Para tanto, ainda assim convém que haja concomitantemente uma adequada preparação profissional por parte daqueles que se propuserem a trabalhar com o ensino do Rope Skipping.

3 PRINCÍPIOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

Independente de qualquer que seja a modalidade esportiva em questão, o trabalho do profissional de Educação Física durante a sua iniciação é sempre repleto de dificuldades a serem superadas. Ensinar esportes de maneira eficaz respeitando alguns princípios do ser humano como criticidade, criatividade, autonomia e sensibilidade não é uma tarefa tão simples quanto possa parecer. Requer que o profissional possua um profundo embasamento teórico a fim de alimentar a sua aplicação prática.

Para o nosso caso específico – a iniciação do Rope Skipping –, utilizaremos como referencial teórico de embasamento alguns dos princípios didático-pedagógicos que se fundamentam na Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky (1998). Optamos por tal referencial como subsídio das nossas práticas pedagógicas para com o Rope Skipping principalmente por dois motivos: o primeiro deles consiste no fato de que, a partir da perspectiva das proposições formuladas por esse referencial, o Homem é visto como *“sujeito de sua vida, que interfere na natureza, criando e recriando sua cultura na relação com o outro e sofrendo as influências desta relação no seu comportamento”* (PEREIRA, 1997, p. 57) – o que julgamos ser necessário de se considerar no exercício profissional de qualquer docente; já o segundo motivo – e talvez o mais relevante para nossa escolha – se deve à apresentação por Vygotsky (1998) do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, que em muito tem contribuído para a solução de problemas de ordem pedagógica em diversas áreas, inclusive a Educação Física.

Para compreendermos melhor esse conceito convêm fazermos antes algumas considerações. Anteriormente às colocações de Vygotsky (1998), as orientações educacionais de uma maneira geral realizavam-se a partir da identificação do nível de desenvolvimento mental atual da criança. Tal identificação se dava por meio de testes psicológicos que consideravam somente a capacidade da criança em resolver tarefas individualmente (*desenvolvimento real*). Isto é, tudo aquilo que a criança fosse capaz de fazer com o auxílio (fornecimento de pistas, por exemplo) de um adulto ou até mesmo de um companheiro não era considerado como indicativo de seu desenvolvimento mental. Para Vygotsky (1998, p. 111) isto implicava numa grande falha, pois *“aquilo que a criança consegue fazer com ajuda dos outros poderia ser, de alguma*

maneira, muito mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que consegue fazer sozinha”.

A partir disso é que surge o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que seria

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p. 112)

Enquanto o nível de desenvolvimento real da criança se refere às funções nela já amadurecidas (retrospectiva), a zona de desenvolvimento proximal define as funções que ainda estão em processo de maturação (prospectiva). De acordo com Vygotsky (1998, p. 113)

a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação.

Sendo assim, o mesmo autor sugere que o processo de ensino-aprendizagem se oriente na direção de um novo estágio de desenvolvimento da criança e não na direção dos estágios já concluídos. Para ele, *“o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”* (VYGOTSKY, 1998, p. 117). Pereira (1997) analisando a zona de desenvolvimento proximal também rejeita as orientações pedagógicas aplicadas anteriormente às colocações de Vygotsky que se faziam centradas somente no que a criança conseguia fazer isoladamente. Para a autora *“os métodos de ensino que se embasam nessa questão orientam-se na debilidade da criança e não no seu potencial”* (PEREIRA, 1997, p. 104).

A zona de desenvolvimento proximal passa a ser entendida, então, como um ponto de referência para o professor na hora de estruturar esse peculiar ambiente pedagógico. *“Criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir: um dos principais desafios e objetivo de uma proposta metodológica baseada nos princípios da psicologia histórico-cultural”* (ONRUBIA, 1996 apud VELARDI, 1997, p. 133).

Na construção desse ambiente pedagógico sugerido por Vygotsky, consideramos importante a atenção do professor com relação a alguns aspectos relevantes da aula como a escolha do conteúdo, a geração de situações problemáticas e a facilitação da interação entre os alunos.

Entendemos que o professor, nesses três momentos concernentes ao exercício de sua profissão, assume o papel de mediador entre aquilo que ele pretende ensinar e aquilo que o aluno deseja aprender. Velardi (1997) utiliza-se do termo interlocutor ao invés de mediador. Para ela, o professor/interlocutor, ao desempenhar a sua função de ensinar, não deve fazer de sua figura um comandante, mas sim um condutor de seus conhecimentos e suas experiências para com os alunos.

Particularmente ao que se refere à escolha do conteúdo, levando em consideração as proposições de Vygotsky, implica-nos ressaltar o fato de estar em plena conformidade a atividade selecionada para se trabalhar durante as aulas e a zona de possibilidades do aluno. Da mesma maneira que as atividades pedagógicas que fazem parte do conteúdo da aula não devem focar a sua direção naquilo que os alunos já conseguem realizar, também não é correto e eficaz propor tarefas com um grau de dificuldade muito além do que os mesmos são capazes de resolver. Seguir o bom senso de organizar o conteúdo partindo do que é mais simples para o que é mais complexo ainda é o mais recomendado. Não obstante, também devemos ter em mente que *“os conteúdos não podem ser considerados fins em si mesmos, mas meios para modificações qualitativas nas potencialidades dos alunos”*. (VELARDI, 1997, p. 116).

Já com relação à geração de situações problemáticas nas aulas, Mauri (1996 apud VELARDI, 1997, p. 119) recomenda o seguinte:

A intervenção do professor deverá ocorrer no sentido de estabelecer um desafio sobre aquilo que o aluno já sabe, levando-o ao encontro daquilo que ele ainda não conhece, mas que possua relação com seus conhecimentos prévios.

Mosston (1978), nesse aspecto, também contribui para nosso trabalho escrevendo sobre diversos métodos de ensino na Educação Física. Ele discute sobre várias propostas que vão desde as mais diretivas (comando) até as menos diretivas. Especificamente quando trata de uma das menos diretivas, a descoberta orientada, esse autor sugere que o instrutor jamais ofereça diretamente a resposta da situação

proposta ao aluno. Para ele, questionar o aluno sobre as possibilidades de ação é mais frutífero como meio de promover o aprendizado. Desse modo, o professor cria uma situação (problemática) que propicia a descoberta da resposta pelo próprio aluno, o que, de certa forma, denota uma construção do conhecimento pelo mesmo.

Todavia, diante de todas as proposições apresentadas por Vygotsky, o que realmente nos desperta fundamental interesse é o fato da criança ser capaz de resolver tarefas mais difíceis quando colocada em situação de colaboração. Isso mais uma vez implica diretamente na forma como o profissional de Educação Física deve atuar e organizar suas aulas, favorecendo o máximo possível a interação entre os alunos.

É o professor quem coloca ou até mesmo prepara essa organização, na qual são postos em relação os conhecimentos e os alunos, dentro de um contexto de interações. Esse contexto permite aos alunos realizar atividades coletivas, nas quais suas ações são coordenadas e instrumentos cognitivos são elaborados. Fundamentalmente, a construção de conhecimento pelos alunos resulta da interação de processos interindividuais e intraindividuais, que se desenvolvem dentro de um contexto no qual o professor concebe situações que otimizam essas interações, dando-lhes a oportunidade de desenvolver-se para atingir o objetivo visado. (GARNIER, BEDNARZ, ULANOVSKAYA, 1996, p. 215).

Essa função do professor numa abordagem Vygotskyana é reforçada por Pereira (1997, p. 106) destacando que

Os professores que desejam seguir ou seguem essa abordagem rejeitam a instrução mecânica e enfatizam a criação de contextos sociais na instrução e a forma como esta produz uma maneira especial de socialização do pensamento das crianças, sendo assim, o professor não deve apenas analisar o ensino e a aprendizagem como parte de práticas instrucionais existentes, mas deve criar atividades instrucionais fundamentalmente novas e avançadas. Em outras palavras, essa abordagem Vygotskyana deve produzir aprendizagem ao facilitar novas formas de mediação.

Em decorrência, entendemos ser de extrema importância o contexto em que acontece o aprendizado. Ou seja, assume um significado de maior relevância a maneira como se estabelece a interação entre professor/aluno e entre os próprios alunos. A intervenção do professor e a cooperação entre os companheiros de aprendizado se constituem, desse modo, como fatores determinantes na nossa conduta pedagógica.

Vale ressaltar também que, além de todas essas considerações, para o nosso trabalho em especial se torna igualmente importante destacar o real sentido e significado da imitação de um modelo durante o processo de ensino-aprendizagem. O Rope Skipping é uma modalidade criada recentemente e se encontra ainda em fase de difusão; por esse motivo, está repleto de movimentos “novos” e, portanto desconhecidos dos aprendizes e, daí a necessidade de utilizarmos também o recurso da imitação de modelos.

Entenda-se nesse caso por modelo como sendo *“um elemento central em torno do qual vai articular-se a atividade proposta, na medida em que ele constitui uma porta de entrada para o desenvolvimento do pensamento teórico generalizado”* (GARNIER, BEDNARZ, ULANOVSKAYA, 1996, p. 211).

Essas mesmas autoras afirmam que podemos tratar de modelo de conteúdo, de atividade, de funcionamento do grupo ou até mesmo de modelo pedagógico. O modelo é realmente necessário e útil *“quando permite produzir conhecimentos que outra via não nos ofereceria com a mesma facilidade”* (GARNIER, BEDNARZ, ULANOVSKAYA, 1996, p. 211). Ou seja, tem a função e é caracterizado mais como um objetivo do que como um meio.

Pensava-se que a imitação de um modelo pelo aluno por meio da demonstração ou da explanação verbal, por exemplo, seria um processo simples e puramente mecânico. Ao contrário disso, Velardi (1997, p. 168) entende a imitação como *“um instrumento que pode fornecer referenciais concretos na busca de novas aprendizagens e de novos desafios”*.

Vygotsky (1998, p. 115) também discorda dessa idéia e argumenta que a imitação de um modelo durante a aprendizagem desempenha outros papéis mais significativos:

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas.

Velardi (1997) também se utiliza da imitação e enaltece a sua importância numa fase mais adiantada do processo de ensino-aprendizagem. Essa autora, em sua dissertação sobre um modelo pedagógico para aulas de ginástica artística e ginástica

rítmica pautado nas proposições de Vygotsky, apresenta-nos uma proposta metodológica idealizada em três momentos. Essa proposta divide, não de forma rígida e tão nítida, a construção do conhecimento pelos alunos em três momentos. O primeiro se caracterizaria pelo contato inicial do aluno com o tema a ser desenvolvido na aula. A autora sugere que seja um momento tipicamente exploratório:

O momento inicial (primeiro momento) é determinante para que o aluno se integre à atividade, e para que o professor observe seus potenciais de execução, suas experiências anteriores em relação ao conteúdo proposto, observando e refletindo sobre quais informações ou intervenções serão mais adequadas aos alunos ou grupo. (VELARDI, 1997, p.136).

Já no segundo momento, a característica principal seria a solução de problemas promovidos pelo professor. Ou seja, a função do professor nesse segundo momento consiste em gerar situações desafiadoras que se centrem nas possibilidades emergentes dos alunos, associando o que já foi aprendido ao que ainda está por vir nos ensinamentos. Também está presente nesse momento o oferecimento de dicas pelo professor aos alunos: *“com base na observação atenta e detalhada do momento anterior o professor estabelece o desenvolvimento das pistas, as ‘perguntas-guia’ citadas por Vygotsky”*. (VELARDI, 1997, p. 144).

Com relação ao terceiro momento dessa proposta metodológica, a autora assim o caracteriza:

Um terceiro momento relaciona-se a propostas de atividades dirigidas diretamente pelo professor, que irá sugerir atividades que considerar pertinente ao trabalho e que ainda não tenham sido representadas anteriormente, os elementos que não apareceram como resultado dos momentos anteriores, mas que segundo a observação do professor, estão emergindo. (VELARDI, 1997, p. 152).

É justamente nesse momento que, visando um aprendizado mais profundo, considera-se ser proveitosa a utilização do recurso da imitação de modelos.

Por fim, estamos cientes, no entanto, que transpor todos esses princípios e proposições teóricas de fato para a prática não se constitui numa ação tão trivial assim; dado que *“não existem teorias tão dinâmicas quanto a prática pedagógica”* (VELARDI, 1997, p. 166). Contudo, também podemos perfeitamente afirmar que esses estudos que nos fornecem indicadores de uma proposta de ação, em muito são capazes de contribuir para o nosso trabalho de iniciação com o Rope Skipping.

4 MÉTODO

Utilizamos-nos de uma abordagem metodológica qualitativa de caráter descritivo para a realização desse trabalho. Julgamos a referida abordagem mais adequada à nossa pesquisa, pois nela *“a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto”* (BOGDAN, BIKLEN, 1982 apud LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 12). Levando em conta que o nosso objetivo é analisar a proposta de ensino aplicada e não o quanto cada aluno estará aprendendo, a abordagem metodológica qualitativa se demonstra a mais condizente, de fato, para o cumprimento deste estudo. Optamos também pela técnica descritiva em virtude de concordarmos com a afirmação de Martins (1989, p. 56) de que *“o mérito principal de uma descrição não é sempre a sua exatidão ou seus pormenores, mas a capacidade que ela possa ter de criar uma reprodução tão clara quanto possível para o leitor da descrição”*

4.1 PARTICIPANTES

Dividimos os participantes envolvidos nesse trabalho em dois grupos: os professores e os alunos.

4.1.1 Os professores

Trata-se dos dois professores responsáveis em ministrar o projeto de extensão de Rope Skipping da FEF/UNICAMP no segundo semestre de 2004. Um deles recebeu aqui a denominação de *Professor 1 (M.B.S.)* – Marina Brasiliano Salerno. Já o outro foi denominado como *Professor 2 (L.O.M.)* – Luís Otávio Mendes – e coincide com o próprio pesquisador do presente trabalho. Não interpretamos isso como sendo algo prejudicial ao desenvolvimento do estudo, pois, segundo argumenta Lüdke, André (1986, p. 5) *“o papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa”*. Gamboa (2002), indo ao encontro com essa

nossa situação, fala sobre valor relevância, que seria os cientistas escolherem para pesquisar aquilo que consideram mais importante. Para ele

o valor relevância coloca o pesquisador numa relação íntima com o mundo que é objeto da investigação. Como seres humanos que pesquisam os significados das ações sociais de outros seres humanos, os pesquisadores são ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas próprias pesquisas. (GAMBOA, 2002, p. 31).

4.1.2 Os alunos

Mesmo não sendo os alunos o nosso objeto de estudo, apresentaremos em seguida uma caracterização mais detalhada destes que acompanhamos durante o período específico da pesquisa.

4.1.2.1 Caracterização do grupo de alunos

O oferecimento do projeto de extensão de Rope Skipping da FEF/UNICAMP em semestres anteriores nos possibilitou verificar que as pessoas que se inscreviam e compareciam para dele participar apresentavam, geralmente, certas particularidades que estavam em comum com o grupo e outras que não estavam. A partir desse fato, veio, então, a idéia de se aplicar um questionário (APÊNDICE A) aos participantes que ingressaram nesse projeto no segundo semestre do corrente ano.

O referido questionário foi previamente elaborado e aplicado no início do projeto com dois propósitos simples. O primeiro era de coletar algumas informações que nos permitissem caracterizar o grupo que estaríamos trabalhando; já o segundo pretendia investigar os conhecimentos que os participantes possuíam sobre o Rope Skipping e sobre o projeto de extensão da FEF/UNICAMP.

O projeto, em virtude de possuir um número limitado de cordas individuais (pequenas), ofereceu novamente apenas trinta vagas para participação. Tais vagas foram preenchidas logo no primeiro dia de inscrição via internet e, desses trinta que de fato compareceram ao projeto para dar início às aulas, apenas vinte e cinco responderam ao questionário.

Num dos dados mais marcantes dessa investigação, verificamos que dessas vinte e cinco pessoas a maioria absoluta, vinte e três, pertencia ao sexo feminino. Isso nos surpreendeu em razão do Rope Skipping, ao menos em outros países, ser praticado igualmente tanto por homens quanto por mulheres.

Já no que se refere à faixa etária do grupo, dezoito pessoas possuíam entre 18 e 21 anos, e sete estavam entre 22 e 26 anos de idade. Esses jovens são quase todos (vinte e quatro) estudantes dos mais variados cursos oferecidos pela própria UNICAMP. Justamente por esse motivo é que a maioria dos participantes, dezoito, reside dentro do distrito de Barão Geraldo, enquanto que os demais moram ou fora de Barão Geraldo (seis pessoas), ou fora da cidade de Campinas (apenas uma).

Também perguntamos no questionário se eles já conheciam o Rope Skipping e o resultado que obtivemos foi próximo do que já imaginávamos: vinte e três pessoas não conheciam e apenas duas disseram saber do que se tratava por ter visto anteriormente pela internet. Entretanto, muitos participantes afirmaram que, após terem efetuado a inscrição no projeto, se interessaram pelo assunto e buscaram mais informações sobre o Rope Skipping também via internet.

Ao procurar saber como é que os participantes tomaram conhecimento do projeto de extensão dessa modalidade, verificamos que para dezoito deles a fonte de informação foi o próprio site da Codesp (Coordenadoria de Desenvolvimento e Eventos e Esportes), o órgão responsável pela realização das inscrições de todos os projetos de extensão da FEF/UNICAMP. O restante, sete pessoas, tomou conhecimento por meio de amigos que já haviam participado anteriormente do projeto.

Quando indagamos aos participantes sobre o motivo que de fato levou-os a fazer a inscrição para esse projeto chegamos ao seguinte resultado: dezesseis fizeram pela isenção de pagamento da taxa de inscrição; cinco por convite de algum amigo; três por interesse em conhecer ou saber mais sobre o Rope Skipping; e um para sair do sedentarismo.

Por fim, perguntamos qual seria a pretensão dos participantes em relação ao projeto. A maioria (vinte e uma pessoas) informou ter vindo ao projeto para melhorar o seu condicionamento físico, enquanto que outras três vieram para praticar uma nova modalidade esportiva, e apenas uma para fazer novas amizades.

A análise desses dados nos possibilita traçar um perfil geral dos participantes do projeto de extensão da FEF/UNICAMP na modalidade de Rope Skipping no segundo semestre de 2004. Em sua maioria são jovens entre dezoito e vinte e um anos do sexo feminino, estudantes da própria UNICAMP que residem no distrito de Barão Geraldo. Muitos desses jovens não conhecem o Rope Skipping, acabaram inscrevendo-se no projeto por não cobrar nenhuma taxa financeira e procuraram-no com a intenção de melhorar a sua condição física.

Apesar de nunca termos aplicado um questionário desse tipo no referido projeto em semestres anteriores, verificamos, por meio de conversas, que os jovens que o freqüentaram no passado também apresentavam características semelhantes a estas apresentadas pelo grupo do presente semestre.

A análise dos dados obtidos na aplicação do questionário – principalmente os que se referem ao conhecimento que os alunos possuem sobre o Rope Skipping – incita-nos a algumas reflexões. De acordo com os dados apresentados, a maioria dos alunos participantes, além de não conhecer o Rope Skipping, inscreveu-se pelo fato de não ser cobrada nenhuma taxa de inscrição. Sendo assim, tornam-se iminentes questões do tipo: haveria tantos inscritos no projeto de extensão de Rope Skipping – algo ainda desconhecido pelos alunos – se fosse cobrada alguma taxa financeira de inscrição? Até que ponto a procura pelo projeto graças à isenção de taxa pode afetar no interesse, na assiduidade ou na dedicação do aluno perante as aulas?

Estas questões estão presentes no projeto de extensão da FEF/UNICAMP e relacionam-se diretamente com o aspecto da motivação dos alunos para com a aprendizagem do Rope Skipping. Justamente por esse motivo é que elas são tidas como relevantes e também serão consideradas durante a investigação desse trabalho.

4.2 COLETA DE DADOS

4.2.1 Programação

Os dados coletados nesse trabalho referiram-se às catorze primeiras aulas no projeto de extensão de Rope Skipping da FEF/UNICAMP no período específico do

segundo semestre de 2004. Tais aulas foram todas elas previamente programadas, porém reajustadas com o decorrer do semestre a fim de que se adequassem ao desenvolvimento dos alunos.

4.2.2 Aplicação

A aplicação dessas aulas se deu numa das quadras cobertas do próprio ginásio da FEF/UNICAMP com a frequência de duas vezes por semana (terças e quintas-feiras) e a duração de uma hora cada aula (18 às 19h). Excepcionalmente nas primeiras aulas o espaço se fez reduzido a meia quadra apenas em virtude de dividirmo-la com o projeto de extensão de step.

4.2.3 Relatórios

Após a aplicação de cada aula, os dois professores responsáveis pelo projeto descreveram individualmente os fatos mais significantes ocorridos durante a realização das mesmas. Com base no objetivo deste trabalho, o foco dos relatos estava mais centrado na adequação das atividades e intervenções dos professores, sendo deixado um pouco de lado o rendimento dos alunos.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

4.3.1 Análise de cada aula

Apoiados nesses dois relatórios que foram produzidos para cada uma das catorze aulas, fizemos uma análise, aula por aula, identificando e comentando sobre os principais pontos em comum destacados nos referidos relatórios.

4.3.2 Análise Geral e Sugestões

Ao final, cuidamos ainda de realizar uma análise geral pautada nas análises individuais de cada aula, incluindo alguns comentários e sugestões sobre o tema em questão.

5 RESULTADOS

Os dados obtidos nessa pesquisa estão descritos na seqüência. Para cada uma das catorze aulas empregamos a seguinte estrutura: primeiramente apresentamos um quadro contendo as atividades programadas para cada aula; em seguida expomos os dois relatórios descrevendo as aulas consideradas; e, finalmente, a análise da aula em questão.

Ressaltamos que os relatórios foram transcritos da forma como foram entregues, sem que houvesse nenhuma alteração do texto original. Já com relação às análises, informamos que alguns pontos foram destacados em itálico com o intuito de adiantarmos os tópicos considerados relevantes e que foram abordados na análise geral das aulas.

Conforme explicitamos anteriormente, foram observadas e analisadas as primeiras catorze aulas do projeto de extensão de Rope Skipping da FEF/UNICAMP do segundo semestre de 2004, ou seja, o período compreendido entre 24/08/04 a 14/10/04. Entretanto, convém também informar que o referido projeto ainda teve continuidade até a data de 02/12/04.

5.1 AULA 1 (24/08/04)

CONTEÚDO DA AULA 1 – CORDA SIMPLES (PEQUENA)
AQUECIMENTO
- saltar livremente, da maneira que cada um sabe;
- saltar com contratepo;
- saltar sem contratepo;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- saltar abrindo e fechando as pernas (Figura 2);
- saltar alternando cada salto com uma perna à frente (Figura 3);
- saltar abrindo e cruzando as pernas (Figura 4);
- saltar batendo a corda para trás;
- fazer o balanceio e o salto (Figura 5);
ALONGAMENTO

Quadro 1: Conteúdo programado para a aula 1.

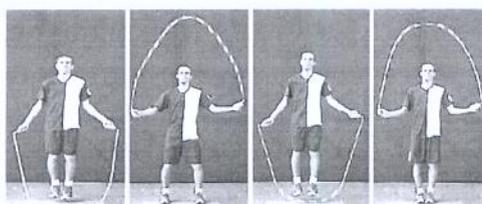


Figura 2: salto abre e fecha.



Figura 3: salto frente e trás.

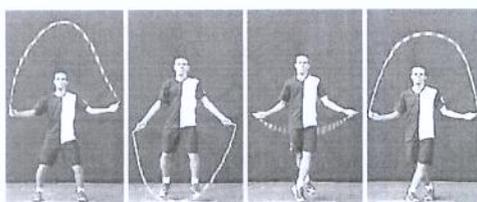


Figura 4: salto abre e cruza.

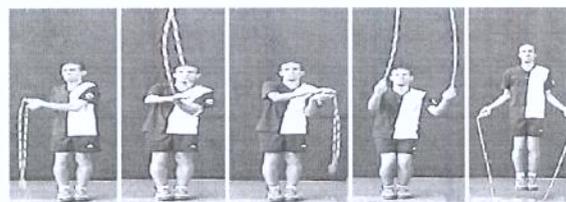


Figura 5: salto lado e salta.

RELATÓRIO DA AULA 1 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

A aula demorou em ter início, pois ainda precisávamos dar e receber algumas informações, os alunos que tinham ido pela primeira vez estavam recebendo as informações necessárias.

Após isso, todas as pessoas pularam do jeito que sabiam para o aquecimento. Apenas uma aluna disse que nunca havia pulado corda, então, após avisar a todos o que deveriam fazer fui até ela para dar o auxílio. Essa aluna, no decorrer da aula se

saiu muito bem, percebi que ela entendia o movimento e o fazia com mais calma, obtendo maior sucesso do que as que estavam saltando mais rápido.

No decorrer dessa aula, como esperado, alguns tinham maior facilidade, porém, o que pude perceber foi que essas pessoas estavam realizando o movimento com menor velocidade e maior atenção. Só quando eu disse que depois de entender o movimento, pegar confiança é que deveriam acelerar, obtendo sucesso. Para as pessoas que estavam pulando muito rápido eu pedia o contrário.

Uma tática utilizada com uma aluna foi a de realizar o movimento saltando, mas sem a corda. Depois de automatizado foi que ela utilizou a corda. Ainda houve problema em juntar o movimento com a corda, mas o movimento dos pés estava correto, faltou ainda pegar o ritmo da corda.

No geral, todos os movimentos propostos foram realizados por todos, alguns com mais e outros com menos facilidade, e é isso que esperamos que melhore depois de compreender que quem oferece o ritmo à corda é o pulso, dado que foi dito em aula.

RELATÓRIO DA AULA 1 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Nessa data se tornou impossível relatar o decorrer da aula ou qualquer acontecimento referente à mesma, pois durante todo esse período permaneci no local prestando informações das mais variadas possíveis sobre o presente Projeto de Extensão. Desse modo, excepcionalmente nessa aula, a análise se pautará apenas em um relatório.

ANÁLISE DA AULA 1

De acordo com o verificado, as atividades propostas para o primeiro dia de aula estiveram de acordo com as possibilidades dos alunos, o que avaliamos como sendo algo positivo. Até mesmo quem nunca havia saltado anteriormente conseguiu realizar as atividades. A dificuldade dos alunos consistiu em *estabelecer um ritmo* bom para saltar. Uns saltavam muito rápido e outros muito lento. Seria interessante da parte do

professor *desenvolver alguns exercícios/atividades* nessa fase do aprendizado que auxiliassem os alunos a controlar o ritmo dos saltos.

A tática utilizada de estabelecer um ritmo de salto sem a corda e depois incluí-la apresenta problemas no que se refere à coordenação, pois, no momento de saltar com a corda, entra o movimento dos braços também, o que dificulta ainda mais se este não estiver numa velocidade de movimentação equivalente com os saltos.

Por ter se tratado do primeiro contato dos alunos com o material e com o conhecimento da modalidade, entendemos como sendo normais e sutis as dificuldades enfrentadas pelos alunos.

5.2 AULA 2 (26/08/04)

CONTEÚDO DA AULA 2 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
- passar individualmente direto em uma corda grande (zerinho);
- idem ao anterior, mas em duplas;
- idem ao anterior, mas em trios;
- idem aos anteriores, mas com a corda batida no sentido contrário;
- repetir os anteriores, mas sem intervalo de espera, ou seja, a cada batida da corda no chão alguém tem que passar por ela;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- entrar em uma corda grande, saltar e sair da corda;
- entrada e saída nas duas cordas alternadas (double dutch) (Figura 6);
- todos entrarem na “corda gigante” (duas cordas grandes unidas nas pontas);
ALONGAMENTO

Quadro 2: Conteúdo programado para a aula 2.

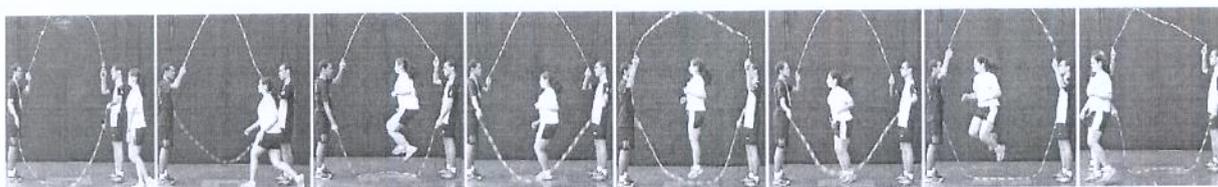


Figura 6: entrada e saída nas duas cordas.

RELATÓRIO DA AULA 2 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

A aula deste dia seria para introduzir a corda grande que pode ser batida apenas uma ou duas ao mesmo tempo alternadamente.

Iniciamos com uma corda só passando sem pular (zerinho), após isso fizemos o desafio de não deixar uma corda bater vazia, ou seja, assim que o colega da frente passar o outro já deve ir em seguida. Esse exercício foi cumprido com certa facilidade, pois após “pegar”, compreender o ritmo da corda, só dependia da atenção no da frente. O exercício complicou quando o mesmo foi realizado em duplas. Apesar de antes de propormos o desafio deixamos que os alunos em duplas treinassem passar zerinho, quando o problema passou a depender do outro também, o desafio demorou para ser alcançado. Ou seja, o problema demorou a ser resolvido, pois passou a depender do

ritmo do outro. A saída de uma dupla foi abandonar por um tempo o desafio e fazer a contagem para a marcação do ritmo do outro.

Na corda dupla, os alunos deveriam conseguir entrar na corda sem que ela parasse. Em um primeiro momento não demos dica alguma e eles tentaram entrar pelo meio da corda, apenas uma aluna conseguiu sem as dicas.

Após falarmos que a entrada deve ser feita de preferência pela diagonal – assim como a saída – e mostramos a contagem, todos conseguiram entrar. Alguns até passaram zerinho. O primeiro problema foi a diferença de ritmo do salto, pois não há contratempo.

Após algumas tentativas todos estavam entrando e saltando, porém a maioria não conseguiu sair sem parar a corda. O próximo passo foi fazer com que eles, sozinhos, fizessem a contagem para a entrada na corda. Apenas uma aluna pediu até o fim da aula que eu contasse.

Do meu ponto de vista o objetivo da aula foi alcançado.

RELATÓRIO DA AULA 2 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Todas as atividades constantes na programação para essa aula foram executadas dentro do horário sem maiores problemas. Participou dessa aula um total de dezoito pessoas, das quais nenhuma deixou de fazer as atividades ou saiu antecipadamente. Em cada atividade proposta os participantes tentavam sempre se superar.

No momento de fazer o aquecimento (brincadeira do zerinho) fizemos duas turmas para permitir maior participação de todos e evitar grandes esperas. Contudo, de acordo com o observado, é provável que em dezoito pessoas, três turmas sejam mais indicadas para melhorar a dinâmica da brincadeira. Mas isso somente na passagem individual (um de cada vez).

Na parte mais difícil da aula (aprender a entrada e saída das duas cordas, double dutch) adotamos a tática de não oferecer nenhuma instrução ou demonstração aos alunos nas suas primeiras tentativas. Cada um tentou entrar nas cordas uma vez sem auxílio e somente depois receberam as devidas instruções. Em virtude do fato de todos

terem tentado apenas uma vez sem instruções não permitiu concluir se essa tática é realmente eficiente.

Foi justamente nessa parte da aula que surgiu o maior problema. Em virtude de somente os professores saberem bater as duas cordas alternadamente (batidas do double dutch) houve muita espera por parte dos alunos. Por sorte ainda contamos com a colaboração de dois alunos de semestres anteriores que já sabiam bater as cordas dessa forma. Mesmo assim, o número de alunos era relativamente alto e houve novamente muita espera por parte dos mesmos. O ideal seria que nesse momento, trabalhando com esse tempo de aula e com esse número de alunos, houvesse ao menos mais duas pessoas batendo cordas e, desse modo, dividiria o grupo em três turmas e diminuiria a espera dos alunos. Vale ressaltar, porém, que todos obtiveram sucesso em suas tentativas de entrar nas cordas após os professores começarem a passar instruções. Nessa aula ainda não instruímos a maneira de sair das cordas corretamente; mesmo alguns já o terem conseguido fazer sozinhos, talvez seja realmente desnecessário inserir isso logo na primeira aula.

Por fim, propusemos o desafio de dividir o grupo em duas turmas e cada uma entrar saltando em uma “corda gigante” (duas cordas grandes amarradas pelas pontas). Os alunos conseguiram vencer algumas vezes esse desafio, mas o que valeu de fato foi a diversão que ele proporcionou aos próprios alunos.

ANÁLISE DA AULA 2

O maior problema presente na segunda aula ficou por conta de sua *dinamicidade*. Isto é, mesmo com os alunos se demonstrando empolgados com as atividades propostas, houve dificuldades em promover uma participação mais constante de todos na aula. Durante muito tempo os alunos ficaram *inativos* esperando por sua vez de executar os exercícios propostos. Esse fato deve ser refletido pelos professores para não tornar desmotivante a continuidade dos alunos no projeto, principalmente levando em consideração que muitos desses alunos buscaram o Rope Skipping com o intuito de melhorar o condicionamento físico.

A quantidade e as atividades em si propostas para essa aula podem ser consideradas satisfatórias para serem ministradas em uma hora. A única exceção é o ensinamento da saída das cordas batidas alternadamente (double dutch) que pode ser considerado desnecessário já para esse momento, podendo ser desenvolvido futuramente. O principal problema se deu mesmo na forma de *estruturação das atividades* que acabou deixando a aula um pouco *estática*, sem a constante participação de todos os alunos.

Na brincadeira do “zerinho” com passagem de uma pessoa de cada vez teria sido mais proveitoso dividir o grupo em três turmas e não em duas como foi feito. Ou seja, independente do número de pessoas que estão participando da aula, constatamos que é mais *vantajoso e dinâmico formar turmas menores*, de cinco ou seis pessoas para cada corda, mesmo que estes ainda não a batam tão bem. Já nas passagens em duplas ou em trios pode haver turmas maiores, de oito ou nove pessoas para cada corda.

Na execução das atividades voltadas para a aprendizagem da entrada nas duas cordas batidas alternadamente (double dutch) a dificuldade maior consistiu no fato de não haver tantas pessoas que soubessem bater as cordas dessa maneira. De certa maneira é até admissível que isto aconteça, pois quando o grupo constitui-se de muitas pessoas e poucas delas sabem bater corretamente – situação típica de iniciação – é inevitável que ocorra longas esperas, diminuindo a participação de cada aluno na aula. O ideal, obviamente, seria que existissem várias pessoas em condições de bater as cordas corretamente para poder formar pequenas turmas e todos explorarem mais a oportunidade de entrar nas cordas. Todavia, isso é quase impossível de se acontecer na iniciação.

Sendo assim, uma possibilidade de amenizar essa situação problemática seria a de enfatizar nas primeiras aulas o aprendizado da batida das cordas e não a entrada nela. Com isso, muito em breve teremos mais pessoas batendo corretamente e todos poderão participar mais ativamente da aula. Concomitantemente pode permitir-se que outros alunos tentem entrar nas cordas enquanto os colegas aprimoram a batida, mesmo esta ainda não estando perfeita.

A tática de *não oferecer instruções pedagógicas na primeira tentativa* de entrar nas cordas batidas alternadamente também é válida, mas emperra no mesmo problema de falta de pessoas para bater, provocando a queda do ritmo da aula.

No exercício final (todos entrando para saltar numa corda) a forma de execução escolhida foi bem sucedida. A idéia dessa atividade é que se consiga colocar o maior número de pessoas possíveis para saltar na corda independente de quantas turmas seja necessário formar para esse fim. Nesse caso optamos por dividir o grupo em duas turmas (nove cada) e amarrar duas cordas grandes por uma das extremidades, mas poderíamos perfeitamente ter dividido em quatro turmas e não unir as cordas que o resultado desejado seria o mesmo.

5.3 AULA 3 (31/08/04)

CONTEÚDO DA AULA 3 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
- com três cordas grandes sendo batidas em seqüência (barriga com barriga), o aluno tem que atravessá-las dando um salto apenas em cada;
- idem ao anterior, mas em duplas;
- idem ao primeiro, mas sem saltar nenhuma vez (zerinho);
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- entrada nas duas cordas alternadas (double dutch) (Figura 6);
- saída das duas cordas alternadas (double dutch) (Figura 6);
- ensinar e treinar a batida das cordas alternadas (double dutch);
ALONGAMENTO

Quadro 3: Conteúdo programado para a aula 3.

RELATÓRIO DA AULA 3 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Iniciamos a aula com duas cordas, uma distante da outra para que os alunos passassem sem pular, depois pulando ou em dupla. Dividimos o grupo em dois, um ficou comigo e o outro com o Branco (o outro professor) para dinamizarmos a atividade e não formar grandes filas. O grupo com o qual eu fiquei teve um pouco de dificuldade em manter o ritmo das cordas, elas eram aceleradas, porém, mesmo assim os alunos conseguiram realizar o desafio de não deixar uma corda vazia dando um movimento, um efeito bonito.

Após o alongamento fomos para a parte principal da aula na qual os alunos iriam começar a bater corda dupla. Como esperado, ocorreram os principais problemas de uma primeira aula batendo corda: batendo muito rápido, cruzando a linha do nariz, batendo com o cotovelo junto ao corpo (acelerando a corda), girando o pulso causando o desequilíbrio, deixando a corda bamba. Um ponto que reparei só nesse grupo foi que os alunos se distanciam muito uns dos outros acelerando a corda e dificultando a entrada das pessoas pela “barriga da corda” estar pequena.

Uma das estratégias utilizadas foi a de que eu batesse com outro aluno para que ele pegue o jeito tendo um exemplo na frente.

Para uma primeira aula batendo corda, penso que todos os alunos entenderam o que é para fazer, só falta automatizar para que tudo não falhe quando um colega entrar na corda, pois é isso que acontece, desatenção e tudo vai por água abaixo.

RELATÓRIO DA AULA 3 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Essa aula foi ministrada para vinte alunos, sendo que dois deles estavam vindo pela primeira vez, isto é, não participaram das primeiras aulas. De acordo com o observado esses alunos não apresentaram nenhuma desvantagem com relação ao grupo.

Durante a atividade proposta para o aquecimento (três cordas grandes em seqüência) percebemos logo no começo que os alunos estavam tendo dificuldades para passar pelas três cordas. Sempre paravam entre uma corda e outra. Diante de tal problema, sugerimos que fosse retirada uma corda e ficassem apenas duas cordas em seqüência. Embora o problema da espera tivesse sido solucionado com essa medida, continuou existindo a ligeira dificuldade para se passar entre a primeira e a segunda corda.

Após a referida medida e a divisão do grupo em duas turmas essa atividade se deu de forma bem dinâmica com todos os alunos se revezando entre bater e saltar a corda. Todavia, pôde ser pouco explorada em virtude do tempo. Provavelmente seja proveitoso repeti-la futuramente, ou então, realizá-la em tempo maior do que foi realizado nessa aula (aproximadamente 15 minutos).

Em seguida ao alongamento inicial, a atividade desenvolvida consistia em ensinar e treinar a entrada, a saída e a batida das cordas alternadas (double dutch). Demos maior ênfase à aprendizagem da batida das cordas, pois existe essa necessidade na presente fase do projeto. Com o intuito de evitar-se as filas de espera, pretendemos que todos aprendam a bater corretamente o mais breve possível as cordas alternadas (double dutch).

Dividimos o grupo em cinco turmas com duas cordas e quatro pessoas cada. As pessoas iam se revezando na batida das cordas, enquanto as outras tentavam entrar nelas. Nesse momento não era esse o objetivo principal, pois as cordas batidas pelos

iniciantes ainda não apresentavam plenas condições de entrada. A batida das cordas, por se tratar de um movimento bem complexo, exige muita coordenação e por isso a maioria dos alunos teve dificuldade em realizá-lo de maneira satisfatória. Já esperávamos nos deparar com isso mesmo. Faz-se necessário e é nossa intenção repetir esse exercício mais vezes futuramente.

ANÁLISE DA AULA 3

Verificamos nessa aula que, de uma maneira geral, as atividades desenvolvidas com as cordas grandes são um pouco *menos dinâmicas* que as atividades realizadas com as cordas pequenas. No caso específico dessa terceira aula não chegou a ser desmotivante para os alunos, mas percebemos que é possível oferecer mais a eles se modificarmos alguns pontos referentes à *estruturação da aula*. Pretendemos futuramente realizar os aquecimentos das aulas de cordas grandes utilizando as cordas pequenas em virtude dessas possibilitarem uma ação mais constante dos alunos. Com essa medida esperamos melhorar o ritmo das aulas com cordas grandes.

Na brincadeira proposta para o aquecimento houve uma ligeira dificuldade por parte dos alunos em realizá-la. Mesmo tendo conseguido *melhorar a sua dinâmica* com a *adaptação* para apenas duas cordas seguidas, as dificuldades na passagem por elas continuaram existindo. O problema dessa vez estava relacionado com a *falta de sincronismo* entre os quartetos que estavam batendo as cordas. Ora uns batiam mais rápidos, ora outros batiam mais lentos. Essa ausência de um ritmo constante atrapalha a passagem pela corda. No entanto, isso não se trata de um problema de difícil correção. Basta aplicarmos a atividade em questão *durante um tempo maior* do que este que foi proposto na aula para que os alunos consigam estabelecer um ritmo de batida de corda constante e, conseqüentemente, atravessem-na sem dificuldades. Muito provavelmente a utilização de um recurso externo para marcação do ritmo – um estímulo sonoro, por exemplo – também possa ajudar os alunos no cumprimento dessa tarefa.

No entanto, a falha principal nessa ocasião consistiu em colocar essa atividade como forma de aquecimento, o que limitou em muito o seu tempo de realização

(aproximadamente 15 minutos). Por se tratar de uma atividade capaz de estimular em muito a orientação espacial e temporal do aluno, convém em outra oportunidade, portanto, colocá-la como conteúdo principal da aula para que haja mais tempo de realizá-la efetivamente.

A parte da aula destinada à aprendizagem da batida das cordas alternadas se deu tranqüilamente. Pode ser possível que tenhamos destinado muito tempo de aula para essa tarefa, mas, conforme o verificado, também não houve quem reclamasse desse fato. Mesmo assim, em uma outra oportunidade talvez seja melhor diminuirmos o tempo de realização dessa tarefa e incluirmos uma outra com baixa complexidade de execução e elevado grau de motivação (desafios simples, por exemplo).

5.4 AULA 4 (02/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 4 – CORDA SIMPLES (PEQUENA)
AQUECIMENTO
- lembrar rapidamente cada um dos saltos realizados na primeira aula;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- saltar cruzando os braços (Figura 7);
- fazer o balanceio e saltar cruzando os braços em seguida (Figura 8);
- saltar para trás cruzando os braços (Figura 9);
- saltar batendo a corda para frente e girar para trás (Figura 10);
- saltar batendo a corda para trás e girar para frente (Figura 11);
ALONGAMENTO

Quadro 4: Conteúdo programado para a aula 4.

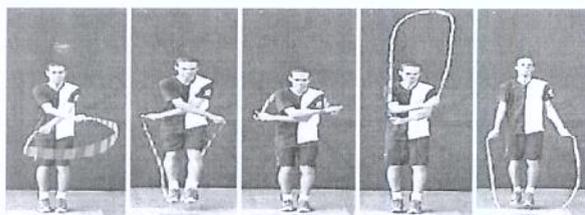


Figura 7: cruzado simples.

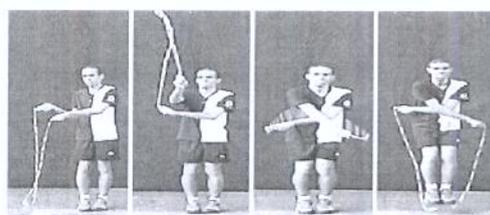


Figura 8: lado cruza.

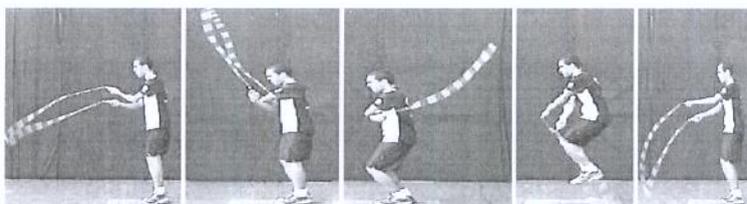


Figura 9: cruzado pra trás.

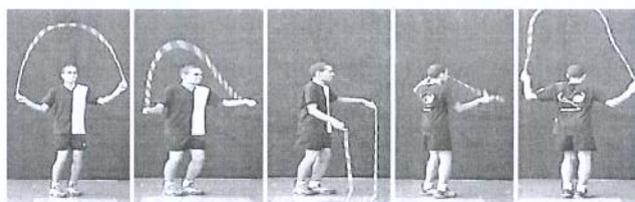


Figura 10: giro para trás.

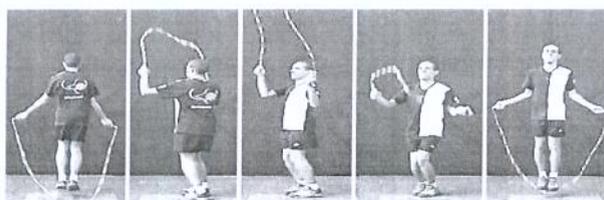


Figura 11: giro para frente.

RELATÓRIO DA AULA 4 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Durante o aquecimento as pessoas lembraram os saltos e aquelas que estavam na primeira aula conseguiram realizar todos os saltos mesmo o aquecimento durando pouco tempo.

Após o alongamento iniciamos o salto cruzado (cruzando os braços). A grande "sacada" para a realização dos saltos é cruzar bem os braços na altura do peito para que a barriga que se formar seja suficiente para que a pessoa passe sem dificuldade. Foi aí que muitas pessoas tiveram problema por não perceber que o braço estava sendo cruzado na altura da barriga dificultando muito sua passagem. Após falar para uma aluna várias vezes para cruzar os braços na altura do peito deixei que ela tentasse sem meu olhar, dei espaço para ela se perceber, porém ela conseguiu realizar o movimento poucas vezes.

Outro momento que as pessoas não estavam conseguindo realizar o movimento pela velocidade de execução, pedi para que fizessem mais devagar e o movimento saiu.

Durante o balanceio e o cruzado houve alguma dificuldade no balanceio, pois algumas pessoas estavam fazendo o balanceio à frente e não ao lado. A dificuldade maior continuou sendo o cruzado, mas como já haviam feito no salto anterior, foi mais um treino para sua realização.

O último salto realizado foi o cruzado para trás. Penso ele ser mais fácil que o cruzado a frente, pois ele tem um ritmo mais lento e é possível perceber o movimento da corda. Porém, o que dificulta o salto é a pessoa perceber que os braços continuam cruzados na frente do corpo, sem que ele se abra acima da cabeça, que foi o que os alunos fizeram no começo. Após mostrar que o movimento seria que os braços iriam apenas abrir e fechar, as pessoas, depois de algumas tentativas, alguns alunos conseguiram realizar enquanto outros apresentaram dificuldade.

Faltaram dois movimentos para realizar os giros, porém quando pensamos a aula eles foram pensados como exercícios extras, caso sobrasse tempo, o que não ocorreu pelas dificuldades encontradas.

RELATÓRIO DA AULA 4 PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Do que foi planejado como atividade para ser desenvolvida nessa aula, dois elementos ficaram de fora. Isto é, os giros (de frente para trás e de trás para frente) ficaram sem tempo para demonstração e conseqüente aprendizado. Provavelmente precipitamos-nos em incluí-los como conteúdo já dessa aula. Sendo assim, iremos apresentá-los na próxima aula.

Procuramos dar maior tempo de tentativa de execução para cada tipo de salto que foi aprendido nessa aula ou até mesmo lembrado da primeira. Houve a presença de apenas treze alunos nessa quarta aula. A principio, acreditamos que isso se deva ao fato de alguns alunos terem ido viajar em virtude do final de semana prolongado (feriado de sete de setembro). Um aluno justificou sua ausência por meio de um amigo do grupo por esse motivo e outro foi até o local apenas para informar que não estava bem de saúde e por isso não participaria da aula.

Dessas treze pessoas que participaram, cerca de três ou quatro apresentaram maior dificuldade no aprendizado e exigiram constante dedicação dos professores no que se refere à explicação dos movimentos. Os demais alunos cumpriram relativamente bem os exercícios propostos. Obviamente que ainda necessitam de mais aulas para aprimorarem e automatizarem o movimento.

Por fim, mesmo achando que a aula foi cansativa – alguns alunos já estavam exaustos – houve uma aluna que surpreendentemente estranhou que já tivesse acabado a aula, dizendo que tinha passado muito rápido.

ANÁLISE DA AULA 4

A presença reduzida de alunos nessa aula permitiu-nos auxiliá-los mais intensamente. Esse auxílio prestado a eles teve relação direta com o fato de todos terem apresentado um desempenho satisfatório na realização das tarefas propostas. Sempre que identificada alguma dificuldade na execução de certo movimento, os professores estavam presentes para auxiliar na correção. Isso permite-nos inferir que

serão maiores as chances de sermos bem sucedidos no nosso trabalho quando lidarmos com *grupos menores*.

A não realização dos giros não pode ser considerada como má administração do tempo de aula, mas sim como uma precipitação de nossa parte em incluí-los junto aos outros movimentos da programação. O tempo de aula foi bem administrado, possibilitando aos alunos aprenderem e executarem plenamente todos os elementos propostos. Portanto, o conteúdo escolhido para ser trabalhado na quarta aula – excluindo os giros – está em conformidade com o tempo de uma hora.

Os poucos alunos que apresentaram maiores dificuldades no aprendizado dos movimentos novos dessa aula conseguiram realizá-los ao menos grosseiramente graças à *explicação intensiva dos professores*. Pretendemos repetir esses movimentos nas próximas aulas e, desse modo, terão a oportunidade de aprimorá-los.

No que se refere ao possível *cansaço dos alunos*, uma solução seria promover breves pausas durante a aula, *demonstrando e corrigindo* para todos os alunos os principais problemas que estão acontecendo em cada salto ensinado. Trata-se de uma estratégia interessante e válida de se tentar, pois o cansaço excessivo pode influenciar negativamente no aprendizado dos movimentos em geral.

5.5 AULA 5 (09/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 5 – CORDA SIMPLES (PEQUENA)
AQUECIMENTO
- lembrar rapidamente cada um dos saltos realizados na primeira aula;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- atravessar a quadra de um lado para o outro (duas vezes) saltando a corda em corrida leve, fazendo com que a corda passe apenas uma vez por baixo de cada passada;
- idem ao anterior, mas correndo e saltando de costas;
- idem ao anterior, mas correndo de lado e saltando de frente;
- ensinar e treinar saltos em velocidade (speed) (Figura 12);
- giros (frente para trás e trás para frente) (Figura 10 e Figura 11);
ALONGAMENTO

Quadro 5: Conteúdo programado para a aula 5.

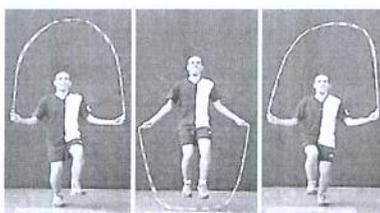


Figura 12: speed.

RELATÓRIO DA AULA 5 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Iniciamos a aula lembrando os saltos da primeira aula como o abre e fecha, frente e trás. Foram poucos os alunos que tentaram realizar o cruzado e o lado cruza quando o que já havíamos proposto ficou muito fácil para eles.

Durante as atividades de aula propriamente dita, surgiram algumas dificuldades como a percepção do girar da corda fazendo com que ela passe uma vez a cada perna do passo. Além desse o caminhar-saltar lateralmente. Por não ser um movimento usado, realizamos uma vez sem a corda depois de detectado o problema.

Para resolver o “problema” da percepção realizamos um exercício parado, ou seja, como o speed, a corridinha para que as pessoas soubessem o que estava acontecendo.

Para a realização da contagem do speed e dos giros foi mais fácil, pois após a explicação os alunos conseguiram realizar.

RELATÓRIO DA AULA 5 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

A quinta aula se deu de maneira bem tranqüila com a presença de 19 alunos. Um fato interessante ocorrido foi que um desses alunos, a convite de um colega que já freqüenta o projeto, veio solicitar-nos se poderia participar dessa aula com o intuito de conhecer melhor o nosso trabalho e, com isso, dar ou não continuidade nas atividades. Atendemos a sua solicitação e esse aluno, além de não ter apresentado maiores dificuldades na realização das tarefas propostas, optou por continuar participando do nosso projeto de extensão.

Das atividades programadas para a quinta aula todas puderam ser executadas sem problemas com o tempo, inclusive os giros que ficaram de fora do conteúdo da última aula. Apesar do número razoavelmente elevado de alunos presentes, poucos apresentaram dificuldades dignas de serem notificadas. Obviamente que foram necessárias pequenas correções, mas todos, sem exceção, executaram de forma satisfatória e empolgada as atividades propostas.

O exercício de lembrar rapidamente os saltos executados na primeira aula como meio de aquecimento para essa demonstrou-se bastante proveitoso. De acordo com o verificado, além de promover o aquecimento, esse exercício permitiu aos alunos melhorar a eficácia de realização de cada movimento aprendido anteriormente. Não bastasse, ainda possibilitou aos alunos ausentes da primeira aula tomar conhecimento e até mesmo aprender os movimentos que haviam sido ensinados anteriormente.

Nas atividades de atravessar a quadra de um lado ao outro saltando cada vez de uma maneira, sugerimos que ficassem divididos em três colunas para que pudessemos observá-los mais detalhadamente. Alguns tiveram ligeiras dificuldades com relação ao ritmo, mas nada que os impedissem de executar a tarefa. O mais difícil ficou por conta da passagem deslocando-se lateralmente. Então, sugerimos que repetissem duas vezes essa tarefa, sendo uma vez sem saltar a corda e a outra a saltando. Notamos relativa melhora na execução da tarefa após o exercício de deslocar-se sem a corda.

Em seguida, fizemos brevemente os mesmos exercícios, porém sem o deslocamento pela quadra. Não tendo existido grandes problemas anteriormente, também não houve nessa situação. Para finalizar, propusemos uma “prova” de velocidade (speed) e ensinamos os giros para frente e para trás que todos fizeram sem dificuldades consideráveis. Quando já haviam dominado o movimento dos giros isoladamente (primeiro para trás e depois para frente), solicitamos que os realizassem em seqüência sem parar. O desafio foi cumprido com excelência e, para nossa surpresa, houve até dois alunos que o fizeram incluindo um salto cruzado e de forma sincronizada.

ANÁLISE DA AULA 5

Os elementos escolhidos para serem trabalhados nessa quinta aula estão de acordo com o atual nível de habilidade apresentado pelos alunos. Isto se confirma pelo fato de todos terem conseguido executar as tarefas propostas sem maiores dificuldades e dentro do tempo previsto de aula. Contando em certos momentos com a *sutil intervenção dos professores*, não houve nenhum caso de alguém não ter conseguido realizar os elementos ensinados nessa aula. Inclusive a pessoa que estava fazendo a aula pela primeira vez conseguiu executar os movimentos solicitados. É muito importante que haja sempre essa coerência para cuidar do fator motivacional nas aulas.

A idéia de *repetir* durante o aquecimento os *saltos aprendidos em aulas anteriores* também vem se demonstrando satisfatória. Ao lembrar esses saltos, os alunos que ainda não os automatizaram podem fazê-lo nessa oportunidade, e aqueles que já os tinham automatizado anteriormente podem treinar realizá-los em maior velocidade.

A maneira como se desenvolveram os exercícios de atravessar a quadra saltando a própria corda também foi bem sucedida. A formação de três colunas para dezenove pessoas permitiu tanto aos alunos *não ficarem estáticos* como aos professores *identificarem pequenas falhas*. Vale ressaltar que, havendo maior espaço físico disponível, pode se realizar essa tarefa com distâncias mais longas.

Por último destacamos dessa aula o ocorrido com os alunos que ousaram e fizeram os saltos sincronizados. É importante que os professores incentivem mais esse tipo de atitude por dois motivos principais: por um lado *estimula a criatividade* dos alunos; e por outro evita que os dotados de maior facilidade no aprendizado se sintam desmotivados durante a aula.

5.6 AULA 6 (14/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 6 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
-relembrar rapidamente cada um dos saltos da quarta aula;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- entrar na corda grande, sair e assumir o lugar de quem está de fora batendo; quem estava batendo deve entrar e saltar a corda; fazer isso o mais rápido possível;
- treinar a batida das duas cordas alternadas (double dutch);
- treinar a entrada e a saída das duas cordas alternadas (double dutch) (Figura 6);
- bater e saltar as duas cordas batidas em forma de “x” (Figura 13);
ALONGAMENTO

Quadro 6: Conteúdo programado para a aula 6.



Figura 13: salto com duas cordas cruzadas.

RELATÓRIO DA AULA 6 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Como algumas pessoas gostaram mais das cordas pequenas por ser mais dinâmica – não fica muito tempo parado – realizamos o aquecimento com cordas pequenas lembrando os cruzados, porém não conseguimos deixar nenhum aluno sem fazer o movimento. Isso fez com que o aquecimento demorasse muito e levou meia hora da aula toda descaracterizando o objetivo de promover apenas o aquecimento.

Realizamos o movimento de troca de quem está pulando com quem está batendo a corda com apenas uma corda grande. Este movimento antecede o movimento de trocas no double dutch. A intenção é de que o movimento seja realizado o mais rápido possível, entregando a corda e já entrando para saltar.

Para finalizar, treinamos a batida, a entrada e a saída do double como um momento para lembrar o movimento ou aprender para quem fez a aula pela primeira vez.

RELATÓRIO DA AULA 6 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Nessa sexta aula mais uma pessoa deu início ao projeto a convite de um amigo já participante. Esse novo aluno, sem solicitar nenhum auxílio e para nossa surpresa, conseguiu realizar todas as tarefas propostas, inclusive aquelas que haviam sido ensinadas anteriormente. Passou despercebido que se tratava de um aluno recém chegado.

Ao todo participaram vinte alunos que começaram lembrando saltos da quarta aula com cordas individuais. Essa será nossa estratégia a partir de agora: fazermos o aquecimento das aulas com cordas grandes lembrando saltos com cordas pequenas (individuais) aprendidos anteriormente. A intenção é de impedir que a aula fique monótona utilizando apenas a corda grande e reforçar o aprendizado dos saltos individuais mais complexos.

Nessa parte da aula dispensamos um tempo maior (vinte minutos) do que o previsto em razão de alguns poucos alunos encontrarem maior dificuldade na realização desses saltos lembrados. De fato são saltos com um grau de complexidade de execução um pouco maior que os demais apresentados até o momento e, por esse motivo, justificou-se a nossa utilização de um tempo maior para essa parte da aula. O problema enfrentado pelos alunos basicamente se resumia na definição do instante correto para começar o cruzamento dos braços, tanto no salto para frente quanto no salto para trás.

Após a pausa para o alongamento, realizamos a atividade de trocas de lugar entre quem batia e quem saltava a corda grande. Houve certa facilidade na execução dessa tarefa e por esse motivo solicitamos que ela fosse realizada em velocidade maior, o que também foi perfeitamente atendido. Essa atividade demonstrou-se bem dinâmica, pois, com a formação de vários trios (cada três com uma corda grande), ninguém ficou parado.

Em seguida formamos quatro turmas e retomamos o treinamento da batida e da entrada nas duas cordas grandes alternadas. Percebemos uma considerável evolução na batida e na facilidade com que os alunos conseguiram entrar nas cordas, mas ainda necessitam de mais tempo de treino.

Havíamos programado a introdução ao aprendizado da batida das cordas em forma de "X", mas não foi possível realizá-lo já nessa aula. Vamos incluí-lo ao conteúdo da próxima aula.

ANÁLISE DA AULA 6

Pudemos verificar de falho nessa aula a opção de *inserir muitos exemplos de saltos com a corda simples* para a realização do aquecimento. Com certeza houve exagero no número de elementos escolhidos para se fazer somente no período de aquecimento. Quando se trabalha com o tempo de apenas uma hora de aula, o mais recomendado seria, então, selecionar apenas três ou no máximo quatro elementos para se executar durante o aquecimento. Somente é válido incluir um número maior de elementos se a complexidade de execução destes for muito simples, o que não aconteceu conosco nesse caso.

Provavelmente esse tempo excedido no começo da aula tenha sido o responsável pela impossibilidade de realização ao final da aula das batidas em "X". Contudo, esse último constitui-se num elemento de complexidade relativamente alta e requer um tempo considerável de prática para ser assimilado. Considerando apenas esse aspecto, ter deixado-o para uma próxima aula foi mesmo a melhor idéia.

As demais atividades, da maneira como foram *conduzidas e distribuídas*, puderam perfeitamente serem realizadas por todos *de forma dinâmica* e até com possibilidade de evolução/progressão dos executantes. Interpretamos esse fato como sendo um ponto de destaque positivo dessa aula.

5.7 AULA 7 (19/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 7 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
- atravessar a quadra de um lado para o outro (duas vezes) com duas pessoas batendo uma corda grande e uma terceira saltando; todos têm que pular ao menos uma vez;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- saltar com uma corda simples pequena dentro de uma corda grande (Figura 14) em três situações; primeiramente começa já dentro da corda grande ainda parada, depois a corda grande busca quem está saltando com a corda pequena e, por último, o saltador da corda pequena entra na corda grande já em movimento;
- treinar isoladamente (sem ninguém saltando) a batida das duas cordas alternadas (double dutch);
- treinar e aprimorar a entrada e a saída das duas cordas alternadas (double dutch) (Figura 6);
ALONGAMENTO

Quadro 7: Conteúdo programado para a aula 7.

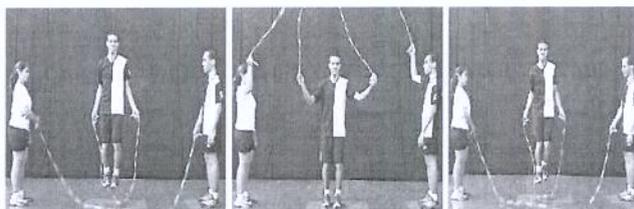


Figura 14: salto com corda grande e pequena.

RELATÓRIO DA AULA 7 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Iniciarei relatando com uma falta grave dos professores: não sabiam como demonstrar um exercício de entrar na corda com a cordinha (combinar melhor a execução dos exercícios).

O que percebi durante a realização desta aula foi a dificuldade em ajustar o seu ritmo com o de outra pessoa.

Essas aulas nas quais trabalhamos uma pessoa batendo para outra, tem o objetivo de fazer com que as pessoas compreendam o ritmo diferenciado e que possam perceber que quem coordena a velocidade da corda é quem está batendo. Essa foi a

grande dificuldade: perceber que uma pessoa pula mais ou menos rápido e que devemos acelerar ou não a batida da corda.

RELATÓRIO DA AULA 7 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Com a presença de catorze alunos a sétima aula se deu de maneira bem tranqüila. Do conteúdo que havíamos proposto previamente na programação não executamos os exercícios que envolviam o double dutch. Foi melhor dedicar mais tempo e conseguir realizar satisfatoriamente um número menor de exercícios do que fazê-los todos e não obter sucesso em nenhum. Os que foram apresentados e exercitados pelos alunos nessa aula se fizeram com êxito.

O exercício de aquecimento atravessando a quadra foi cumprido fácil e rapidamente. Pudemos perceber o quanto esse exercício é capaz de estimular a capacidade de orientação temporal tanto de quem está batendo quanto de quem está pulando. Os alunos foram capazes de ajustar a diferença de ritmos existente entre eles e houve até um trio que foi além e realizou a mesma tarefa, porém saltando de costas, que é um fator complicador.

Também foram desempenhados sem maiores dificuldades os exercícios que conciliavam cordas grandes e cordas pequenas. A idéia de trabalhar com três situações diferentes de inserir o saltar com a corda pequena dentro da corda grande foi bem sucedida. Conseguimos graduar o nível de dificuldade do mais simples para o mais complexo e no final todos foram capazes de realizar esses exercícios. Foi possível perceber que essa tarefa gerou uma situação de “desafio a ser superado”, o que motivou-os mais para cumpri-la.

ANÁLISE DA AULA 7

O problema apresentado pelos professores de *má execução da atividade solicitada* deve ser considerado relevante, porém, analisando bem, não pode ser visto também como algo muito grave. A demonstração da tarefa a ser executada é importante como estímulo aos alunos, mas não entendemos que uma falha nesse

momento possa ser capaz de influenciar tanto assim no aprendizado. O fundamental é que seja compreendido pelos alunos o que está se propondo como exercício. Para isso, podemos utilizar até mesmo outros meios como, por exemplo, a explicação verbal.

Parece-nos que é *proveitoso trabalhar em pequenos grupos* – como foi o caso dessa aula – principalmente por dois aspectos. O primeiro consiste no fato de que é possível *proporcionar a constante participação de todos*, isto é, ninguém fica muito tempo parado. Já o segundo aspecto diz respeito à *geração de um ambiente de cooperação*; ou seja, quando colocados em grupos e em *situação de desafio*, a busca pela solução do problema se faz por meio da colaboração entre os próprios aprendizes. Tanto o primeiro quanto o segundo aspecto tem implicação direta sobre a *motivação* dos alunos para com a tarefa.

Também é digno de destacar dessa aula duas atitudes dos professores durante a conduta da aula. Uma delas é a *liberdade dada aos alunos de ousarem e tentarem novas formas de execução das tarefas*, como foi o caso do trio que saltou de costas sem que isso tivesse sido solicitado. A outra atitude de destaque foi a *graduação das tarefas de acordo com o nível de complexidade* de execução das mesmas; trata-se de uma estratégia interessante já que ela é capaz de incitar no aluno tanto a sensação de satisfação (quando o exercício é realizado), quanto o estímulo de desafio (quando outra forma de execução é solicitada).

5.8 AULA 8 (21/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 8 – CORDA SIMPLES (PEQUENA)
<p style="text-align: center;">AQUECIMENTO</p> <p>- lembrar rapidamente cada um dos saltos realizados nas aulas anteriores com corda simples;</p>
<p style="text-align: center;">ALONGAMENTO</p>
<p style="text-align: center;">ATIVIDADES PROGRAMADAS</p> <p>- duas pessoas com uma corda pequena devem criar maneiras próprias de saltar;</p> <p>- trocar as duplas para cada pessoa ensinar ao seu novo parceiro o que criou anteriormente;</p> <p>- desafio: saltar passando a mão direita embaixo e atrás do joelho direito em elevação (repetir o mesmo para o lado esquerdo) (Figura 15);</p>
<p style="text-align: center;">ALONGAMENTO</p>

Quadro 8: Conteúdo programado para a aula 8.

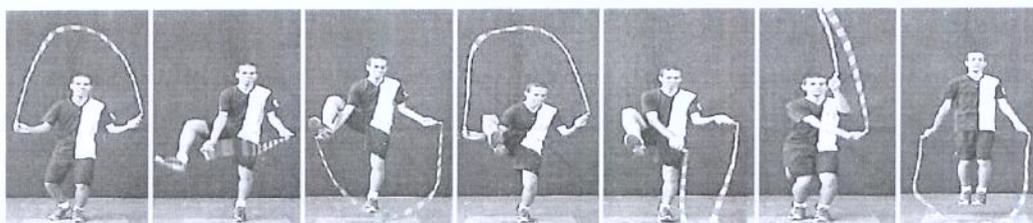


Figura 15: salto passando a mão abaixo do joelho.

RELATÓRIO DA AULA 8 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

A aula dessa data ocorreu de uma maneira bastante descontraída pelo fato de não haver tanto a intervenção do professor junto aos alunos. O que aconteceu foi a interação entre os alunos em duplas criando saltos com apenas uma corda, sem haver certo ou errado e sim a adequação do ritmo do colega para a realização do salto pensado. A nossa intervenção foi mais de incentivo e de dizer quem não percebeu detalhes como, por exemplo: se cada aluno está segurando uma ponta da corda; se um bate mais próximo ao corpo e próximo à cintura e o outro bate longe do corpo e mais acima da cintura, a corda vai girar de maneira torta e enroscar no pé de um da dupla.

Como o tempo de aula é curto, muitos alunos não tiveram tempo suficiente para realizar o primeiro desafio que era trocar de lugar com o colega e, ao final, uma das alunas pediu que mostrássemos um modo que dá certo de se fazer, pois foram poucos

os que realmente conseguiram cumprir o desafio. Todos tiveram uma idéia para execução do movimento, mas não tiveram tempo para treinar.

RELATÓRIO DA AULA 8 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

No início (aquecimento) dessa oitava aula permitimos que os alunos relembassem livremente qualquer dos saltos realizados com cordas pequenas nas aulas anteriores. Muitos ficaram presos a executar apenas os saltos que sabiam melhor, por isso, solicitamos que também tentassem fazer os saltos que não haviam conseguido executar perfeitamente com o intuito de aprimorá-los. Também solicitamos que começassem a realizar os elementos em seqüência (livre), no entanto, os alunos parecem se sentirem ainda "tímidos" para fazer isso. Dessa forma, a experiência foi proveitosa apenas como meio de aprimoramento dos movimentos ensinados anteriormente.

Após o alongamento, a atividade proposta cuidava de estimular a criatividade dos alunos que, aí sim, se soltaram mais. Formados em duplas e com apenas uma corda, pedimos que explorassem ao máximo a situação em que se encontravam. Cada par desenvolveu ao menos duas maneiras distintas de saltar. Houve também quem viu outra dupla fazendo e tentou reproduzir. Os alunos não foram bem sucedidos na execução de todas as maneiras criadas, porém não era mesmo esse o propósito para o momento. O importante foi eles terem se soltado e criado formas até então inéditas para eles próprios de saltar em duplas. A perfeita execução depende apenas de mais treino.

Em seguida sugerimos que trocassem de parceiros e compartilhassem com os novos parceiros o que haviam produzido anteriormente. Essa estratégia foi satisfatória, pois os próprios alunos passaram a se ensinar mutuamente.

Ainda na formação em duplas, propusemos um desafio: trocar de lugar enquanto saltavam, ou seja, quem iniciava saltando pela direita deveria terminar à esquerda e vice-versa. Ao final da tentativa de superação do desafio, cada par apresentou ao grupo o que conseguiu desenvolver como solução. Nesse instante pudemos novamente verificar que o grupo é criativo, pois cada par sugeriu uma maneira diferente de solução

para o problema. Todavia, também não conseguiram executar o movimento com perfeição. Ressaltamos que isso não era o mais importante para o momento, mas não sabemos até que ponto é desmotivante para os alunos terminarem dois exercícios seguidos sem realizá-los por completo.

O último exercício era outro desafio, porém não mais em duplas e sim individualmente. Apresentamos um novo salto e não realizamos nenhuma intervenção nem oferecemos dicas. Deixamos que os alunos experimentassem o movimento da maneira que haviam entendido por um tempo bem curto (cinco minutos). Todas as dicas e intervenções serão feitas na próxima vez que retomarmos esse elemento.

ANÁLISE DA AULA 8

A análise dessa aula permite-nos destacar mais uma vez o fato dos alunos aparentemente sentirem-se mais *à vontade* quando trabalham *em dupla* ou até mesmo *em grupo*. A execução das tarefas solicitadas é satisfatoriamente atendida quando, em aula, o *ambiente de colaboração/cooperação* é estabelecido. Com isso, podemos inferir que quanto mais o professor for capaz de criar esse tipo de ambiente nas suas aulas, mais sucesso ele vai obter durante o processo de ensino-aprendizagem do Rope Skipping.

De acordo com o ocorrido na aula, entendemos que se torna importante deixar bem claro aos alunos que a má execução dos elementos é devida ao pouco tempo de prática. Devemos enaltecer aos alunos que o propósito fundamental naquele momento era *estimular a criatividade* dos mesmos, coisa que foi perfeitamente realizada por eles. Pretende-se, com essa atitude, *evitar a frustração dos aprendizes* com relação ao não cumprimento perfeito da tarefa.

Interpretamos como sendo válida a utilização da estratégia de *apresentar um desafio novo e não oferecer dicas* para a sua execução desde que seja respeitada a seguinte condição: a prática deve se dar durante um curto período de tempo e os alunos precisam, necessariamente, estar cientes de que futuramente serão mais bem instruídos de como realizar o movimento. O intuito é evitar que a superação do desafio se torne enfadonha.

5.9 AULA 9 (23/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 9 – CORDA SIMPLES (PEQUENA)
AQUECIMENTO
- atravessar a quadra algumas vezes de um lado para o outro em duplas com apenas uma corda pequena saltando da maneira que preferirem;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- lembrar o desafio proposto na oitava aula (Figura 15);
- ensinar a roda de cordas batidas simultaneamente (Figura 16);
ALONGAMENTO

Quadro 9: Conteúdo programado para a aula 9.

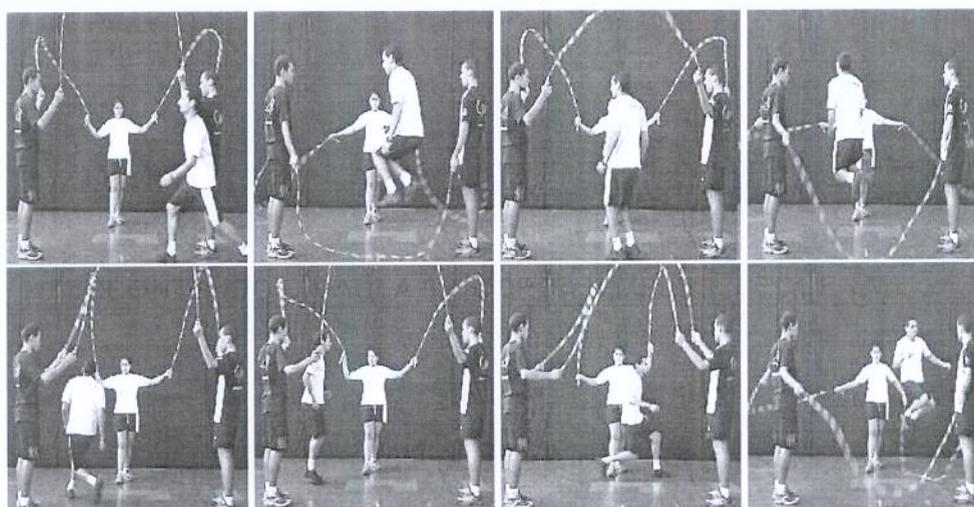


Figura 16: roda de cordas.

RELATÓRIO DA AULA 9 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Realizamos o aquecimento da aula em dupla com uma corda. Durante este momento fiquei com um aluno que chegou nessa aula. Ele realizou rapidamente o salto normal com e sem contra-tempo, abre e fecha, frente e trás, salto para trás e um pouco do cruzado.

Colocamo-lo então com o grupo com o qual realizamos o desafio proposto na última aula, ou seja, saltar com uma mão embaixo da mesma perna erguida (exemplo: mão direita embaixo da perna direita). A grande dificuldade desse salto para uma das

alunas foi sustentar a perna enquanto saltava, pois a mão deve ultrapassar a linha do joelho. Para outra aluna foi compreender que a mão entra pela parte medial e não lateral da perna (por dentro e não por fora). Essas foram as duas grandes dificuldades, principalmente para quem queria saltar diversas vezes.

Realizamos em seguida a flor. A grande dificuldade nesse momento foi a de bater a corda no mesmo ritmo, porém de forma lenta para facilitar a passagem do saltador. Para tal, fizemos a contagem: um, dois, três e no quatro fazíamos um círculo maior para proporcionar a passagem.

Durante o salto para trocar de cordas, os alunos apresentavam dificuldade para passar de uma corda para outra, pois tentavam ir para a corda da frente e não da lateral; passavam muito longe de quem estava batendo; ficavam com medo e passavam, pois para se passar precisa ser um pouco rápido. Após algumas tentativas todos conseguiram realizar.

Um grupo começou a bater a corda para fora ao invés de para dentro. Isso facilitava a entrada do saltador na flor, mas dificultava sua passagem de uma corda para outra, pois não havia o tempo maior para o passo, a preparação e o salto; com a corda batida para fora a troca era feita já com um salto. Após isso, começaram a bater para dentro, facilitando a passagem.

RELATÓRIO DA AULA 9 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Participaram dessa aula apenas 12 alunos. Alguns deles justificaram a ausência previamente por diversos motivos. Trabalhando com um número menor de alunos pudemos mais uma vez intervir constantemente no ensino das tarefas. O conteúdo desenvolvido em aula esteve em conformidade com o programado antecipadamente e em plena sintonia com o nível de habilidade apresentado atualmente pelos alunos. Mais uma vez consideramos o desempenho geral do grupo satisfatório.

Na primeira tarefa – em duplas – cada par utilizou um meio de cumpri-la. Houve quem saltasse de costas, de frente, de lado e outras maneiras que eles próprios desenvolveram. Após permitir que as duplas utilizassem da criatividade nesse exercício, solicitamos que cada uma delas demonstrassem ao grupo o modo escolhido para

realizar a tarefa. Nesse instante enaltecemos – e o grupo percebeu bem – o valor da criatividade no rope skipping; a partir de uma tarefa simples, cada par foi capaz de desenvolver um meio diferente de resolver o problema.

Em seguida retomamos o salto experimentado pelos alunos na oitava aula. Naquela oportunidade não havíamos oferecido nenhuma dica para execução do salto. Já nessa aula instruímos e corrigimos as falhas cometidas em maior frequência por eles. Solicitamos que fizessem em etapas o movimento, ou seja, primeiro sem a corda, depois com a corda, mas sem saltar, e, por último, o salto completo. Mesmo se tratando de um movimento bem complexo, o grupo todo conseguiu realizá-lo, ainda que de maneira grosseira. Com um pouco mais de prática o movimento pode ser automatizado.

A roda de cordas batidas simultaneamente também se deu muito bem. Dividimos o grupo em três turmas com quatro pessoas cada e verificamos que esse foi o número ideal de pessoas por grupo. Auxiliamos na batida e pedimos que uma pessoa entrasse para saltar entre as cordas. Demorou um pouco, mas todos cumpriram o solicitado. Certo instante, após o sucesso da tentativa de um aluno, pedimos que ele compartilhasse com os colegas algum detalhe observado que fosse capaz de auxiliá-los. Isso feito, logo em seguida os demais alunos foram bem sucedidos em suas tentativas.

Outro fato ocorrido nessa aula digno de se notificar é que muitos alunos que não tinham obtido tanto sucesso na realização de tarefas de aulas passadas conseguiram bom desempenho nessas e, com isso, sentiram-se mais motivados.

ANÁLISE DA AULA 9

A *intervenção pedagógica* do professor foi um aspecto constantemente relatado nessa aula. Pudemos verificar que em todas as tarefas os professores estavam *conduzindo os alunos ao aprendizado*. A intenção é que essa condução seja feita de maneira que o próprio *aluno descubra a resposta* adequada para o problema em questão. Não é recomendado, nessas situações, o oferecimento direto da resposta ao aluno.

Contudo, verificamos ainda nesses relatórios os próprios alunos *se auxiliando na resolução de problemas*. Também devemos incentivar atitudes como essa no ambiente de aprendizagem. Muitas vezes os aprendizes são capazes de perceber *detalhes (dicas)* que vão além daqueles percebidos pelos professores. Por essa razão é que consideramos ser de extrema importância para o desenvolvimento da aula o fato do instrutor instigar nos alunos a missão de contribuírem para a resolução dos problemas.

5.10 AULA 10 (28/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 10 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
- pular uma corda grande relembrando brincadeiras infantis que os alunos conhecem;
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- entrar na corda grande, sair e assumir o lugar de quem está de fora batendo; quem estava batendo deve entrar e saltar a corda; fazer isso o mais rápido possível;
- bater e saltar as duas cordas batidas em forma de “x” (Figura 13);
- formar grupo de quatro pessoas alinhadas com duas cordas grandes, sendo que cada uma segura a ponta de uma corda; do alinhamento, a primeira pessoa divide a corda com a terceira, e a segunda com a quarta; todos batem as cordas ao mesmo tempo; enquanto as duas pessoas das extremidades batem (primeira e quarta), as duas do centro (segunda e terceira) batem e saltam simultaneamente (Figura 17);
ALONGAMENTO

Quadro 10: Conteúdo programado para a aula 10.

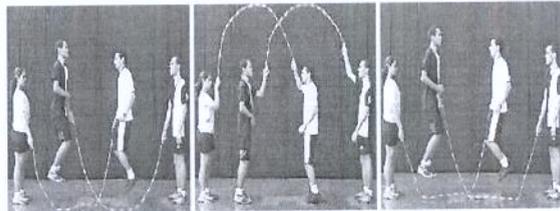


Figura 17: salto intercalado em forma de “w”.

RELATÓRIO DA AULA 10 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Iniciamos a aula com brincadeiras infantis em uma corda grande com músicas como “o homem bateu em minha porta” que envolve pular um pé só, girar, colocar a mão no chão, elementos além do salto. Outra música foi “salada saladinha” que envolve velocidade no salto.

Após isso recordamos as trocas com apenas uma corda grande. Pudemos observar que houve a melhor compreensão do movimento, o que fez com que ficasse mais dinâmico. Alguns alunos necessitam do detalhamento do exercício, pois, por exemplo, neste salto de trocas devemos sair para nossa esquerda pegando a corda com a mão direita e realizar um meio giro para voltar de frente para o grupo, para a realização do giro é mais fácil continuar o movimento de saída para esquerda, porém

alguns alunos brecavam o movimento e retornavam o corpo indo de encontro com quem estava batendo e iria entrar. Isso me fez detalhar todo o movimento.

Em seguida realizamos o salto com a corda em forma de "X". Para saltar tal corda é necessário o contra-tempo. Enquanto eu e o outro professor batíamos a corda, todos conseguiram entrar. O mais difícil dessa disposição é bater, pois uma corda fica em cima da outra e se a dupla que estiver com a corda por baixo for muito rápido uma corda baterá na outra. Essa foi a grande dificuldade neste momento. Para saltar foi tranqüilo e os alunos buscavam um lugar para entrar que fosse mais fácil.

A última disposição de cordas foi em forma de "W", com uma pessoa em cada ponta da corda. Poucos alunos apresentaram dificuldade em bater e pular ao mesmo tempo. Um grupo chegou a conseguiu bater a corda alternadamente.

RELATÓRIO DA AULA 10 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Estamos verificando nessas últimas aulas uma queda no número de alunos presentes. As razões das ausências alegadas pelos alunos estão sempre relacionadas às funções acadêmicas. Na presente aula, participaram apenas 12 alunos.

Modificamos a programação anterior da aula e desenvolvemos algumas atividades novas e outras já realizadas pelo grupo. Durante o aquecimento, liberamos os alunos para realizarem algumas brincadeiras que já haviam praticado quando criança. Para tanto, dividimos o grupo em trios e estes se utilizaram apenas de uma corda grande. Pudemos constatar que eles, mesmo não sendo mais crianças, recordavam-se de bastante brincadeiras do universo infantil. Porém nem todas puderam ser aplicadas na aula em virtude do tempo.

Em seguida recordamos o exercício das trocas de lugar entre quem pula com quem bate. Teve um trio que não havia realizado ainda essa atividade e, portanto, apresentou maior dificuldade em realizá-lo. Esse trio conseguiu cumprir o proposto, mas não com a velocidade dos demais trios que já haviam explorado esse tipo de atividade. Por meio desse exercício trabalhamos o ritmo, a orientação espacial e a orientação temporal dos alunos.

Posteriormente apresentamos uma nova maneira de saltar as duas cordas grandes (em forma de "X"). Ficamos devendo essa tarefa numa aula anterior e, por isso, resolvemos incluí-la aqui. As dificuldades em executá-la, conforme o já esperado por nós, ficou por conta do sincronismo entre quem estava batendo. Uns batiam baixo, outros alto, outros rápido, outros lento etc. Todavia, como o grupo estava reduzido foi possível auxiliar e intervir constantemente, o que permitiu a todos realizarem também esta tarefa. Obviamente que necessitam de mais treino, mas para uma primeira aula com pouco tempo de execução, os alunos foram bem.

Por fim demonstramos e solicitamos que realizassem o último exercício – quatro pessoas alinhadas com duas cordas grandes. O cumprimento dessa tarefa foi relativamente fácil o que nos levou a incluir fatores complicadores. Primeiramente pedimos que inserissem mais duas pessoas com uma corda grande no alinhamento. Depois sugerimos que, a partir da formação de alinhamento entre quatro pessoas, incluíssem mais duas pessoas saltando livremente. Ambas as tarefas foram cumpridas pelo grupo que estava dividido em duas turmas. Além disso, houve também uma turma que, sem sugestão de ninguém, conseguiu intercalar a batida das cordas – outro fator complicador.

ANÁLISE DA AULA 10

A inclusão de brincadeiras infantis ao conteúdo da aula é válida por também trabalhar, porém *ludicamente*, alguns aspectos como a orientação espacial, temporal e alternância de ritmos. Inconsciente e *prazerosamente* os alunos exercitam e aprendem durante a realização dessas brincadeiras.

Novamente se fez presente em mais uma aula a figura do professor como *auxiliar na resolução das tarefas* propostas. Todavia, dessa vez, num dos relatórios, consta que, a certa altura, houve a necessidade de um professor *detalhar todo o movimento* a um aluno. Atentamos para esse fato, pois se refere a uma conduta que não defendemos nesse trabalho. Mesmo que o aluno tenha muita dificuldade em cumprir a tarefa, entendemos que a *descoberta de uma solução e a construção do*

conhecimento deva ser feita pelo próprio aluno. O professor desempenha apenas a função de *intermediário* nessas circunstâncias.

Já a inserção de *fatores complicadores* nas tarefas recém cumpridas pelos alunos trata-se de uma ação positiva realizada com sucesso pelos professores nessa aula. Situações como essa revelam outro papel fundamental do professor: o de continuamente *gerar novos desafios* aos alunos.

5.11 AULA 11 (30/09/04)

CONTEÚDO DA AULA 11 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
- lembrar da décima aula: formar grupo de quatro pessoas alinhadas com duas cordas grandes, sendo que cada uma segura a ponta de uma corda; do alinhamento, a primeira pessoa divide a corda com a terceira, e a segunda com a quarta; todos batem as cordas ao mesmo tempo; enquanto as duas pessoas das extremidades batem (primeira e quarta), as duas do centro (segunda e terceira) batem e saltam simultaneamente (Figura 17);
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- treinar a entrada, a saída e a execução de elementos variados no double dutch;
ALONGAMENTO

Quadro 11: Conteúdo programado para a aula 11.

RELATÓRIO DA AULA 11 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Iniciamos a aula com o salto “W” realizado na aula anterior. No final do aquecimento propusemos um desafio de juntar mais pessoas realizando um grande linha da qual apenas as pontas não pulavam.

Para a aula de double, uma coisa muito importante, porém muito difícil é bater a corda alternadamente e ainda respeitando o ritmo do saltador, pois é ele quem comanda o ritmo. Essa aula foi para lembrar a batida e aprimorá-la, assim como desafiar os saltadores a realizar movimentos dentro da corda como dar giros, pular em um pé só e o grande desafio de colocar a mão no chão. É um grande desafio, pois se deve abaixar e logo em seguida saltar.

Um dos grandes problemas dessa aula foi com relação ao braço que deve fazer um círculo bem grande, o pulso não deve girar e sim o cotovelo e um pouco de ombro (este realizando adução e abdução). No mais, a maioria das pessoas pegou o “espírito da coisa”, o que ainda falta é prática.

RELATÓRIO DA AULA 11 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Antes de iniciarmos a aula modificamos o conteúdo previsto para ser ministrado com o intuito de adequarmos ao atual nível de desenvolvimento dos alunos. Substituímos uma atividade mais complexa por outra que não havia sido realizada em aulas passadas por falta de tempo. Além disso, repetimos uma atividade da décima aula. No que se refere à frequência dos alunos, novamente foi baixa – apenas 11 alunos.

No início da aula perguntamos se havia algo que eles não estavam gostando no projeto; se a estrutura das aulas agradava-os; e se tinham algumas sugestões para fazer. A resposta foi que, para eles, até o momento estava tudo bem dessa maneira, sem a necessidade de mudanças.

Para o aquecimento, utilizamos uma atividade com corda grande realizada na aula anterior (saltar com quatro pessoas intercaladas em alinhamento). Era apenas para relembrarmos, mas muitas pessoas presentes nessa aula tinham faltado da anterior e, portanto, tiveram que aprendê-la. Porém, como se tratava de uma tarefa simples, mesclamos alunos que já sabiam com outros que ainda não sabiam para fazê-la. O resultado foi que todos conseguiram realizá-la facilmente, sendo possível até mesmo unir dois grupos e saltar com quatro cordas e oito pessoas alinhadas. Um dos alunos, sozinho, teve a iniciativa de efetuar a contagem para iniciar a batida das cordas.

A tarefa seguinte consistiu basicamente em treinar o double dutch. Dividimos o grupo em três turmas e demos um tempo livre para saltarem. Percebemos que nessa fase o grupo ainda apresentava uma certa limitação para ousar e tentar coisas novas. A dificuldade ainda era entrar, saltar e sair sem deixar a corda enroscar. Depois de um tempo e com nosso auxílio os alunos foram conseguindo incluir alguns elementos como colocar a mão no chão, realizar giros e saltar com duas pessoas nas cordas.

Sempre que um aluno superava uma dificuldade, pedíamos para que ele tentasse identificar o fator determinante do seu sucesso. Em seguida ele deveria apresentar ao restante da turma como forma de dica para realizar o determinado movimento.

ANÁLISE DA AULA 11

Digno de se constar nessa análise é o fato da queda na frequência dos alunos nas últimas aulas. De acordo com esses e outros relatórios anteriores, o número de alunos presentes por aula vem diminuindo. Acreditamos que muito provavelmente isto se deva ao acúmulo de afazeres acadêmicos pelos alunos que, então, ficam impossibilitados de virem para aula. Mesmo assim, convém também os professores fazerem uma *auto-avaliação* para verificar até que ponto as aulas estão motivando os alunos a retornarem ao projeto.

Indo ao encontro com esse compromisso dos professores há de se enaltecer a atitude tomada pelos mesmos em conversar com os alunos sobre a forma como vem se desenvolvendo as aulas no presente projeto de extensão. Numa simples conversa como essa é possível identificar possíveis falhas dos professores ou até mesmo descontentamento dos alunos com relação a qualquer assunto que seja. Havendo problemas, os professores devem estar aptos a promover modificações capazes de corrigir os defeitos existentes.

Outro relato considerado importante para essa análise consiste na *alteração prévia do conteúdo da aula*. O propósito foi de *adequar os desafios gerados* ao atual nível de habilidade dos alunos. Ao que consta, as modificações se deram com sucesso, já que a evolução da aula não apresentou sérios problemas.

No que se refere à conduta dos professores como *intermediários na resolução das tarefas*, interpretamos como satisfatórias as ações dos mesmos. Conforme os relatórios, os professores interviram sempre positivamente, não apresentando as respostas prontas aos alunos e privilegiando *a autonomia e a cooperação* entre eles.

5.12 AULA 12 (05/10/04)

CONTEÚDO DA AULA 12 – CORDA SIMPLES (PEQUENA)
AQUECIMENTO
- em duplas (um faz o outro conta), efetuar o máximo de saltos simples em trinta segundos (speed) (Figura 12);
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- montar uma pequena coreografia em duplas ou trios sincronizando quatro saltos já aprendidos (oferecer tempo para ensaiar);
ALONGAMENTO

Quadro 12: Conteúdo programado para a aula 12.

RELATÓRIO DA AULA 12 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

A aula que preparamos para esse dia é uma das mais legais, pois é um momento de interação entre os colegas e uma imensa criatividade. Após o aquecimento com retomada do speed e alongamento, separamos o grupo em duplas e pedimos para que sincronizassem dois movimentos. Depois de um tempo de ensaio, juntamos duas duplas e o quarteto teve que juntar a coreografia.

Infelizmente temos pouco tempo para ensaiar, porém percebo que sempre que pedimos para fazerem isso, o resultado é sempre diferente e bonito. Um dos grupos utilizou formas de encobrir o erro. Cada um que errava ia fazendo uma pose diferente. Outro grupo quis fazer em roda, deixando algumas pessoas de costas para o público. Nós falamos sobre isso, mas como era só para o grupo não havia problema. Para acabar a aula deixamos os alunos pulando dois minutos do modo que quisessem.

RELATÓRIO DA AULA 12 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Essa aula teve a participação de 14 alunos e iniciou-se com uma breve e simples atividade para o aquecimento. Relembramos o salto em velocidade máxima com alternância do pé de apoio/impulsão (speed). Por se tratar de um movimento não tão complexo, somente cronometramos o tempo (30 segundos), enquanto os alunos –

formados em duplas – somavam o número de saltos realizados. O intuito era apenas o de promover o aquecimento, o que foi cumprido.

Durante as atividades principais dessa décima segunda aula intervimos muito pouco. Passamos aos alunos as tarefas que eles deveriam realizar e ficamos acompanhando-os mais como observadores. De início solicitamos que formassem duplas e compusessem, sincronizados, uma breve apresentação conciliando dois elementos aprendidos nas aulas anteriores com cordas simples. Ficamos pouco tempo nessa etapa da aula, pois os alunos não tiveram maiores dificuldades em compor essa breve apresentação. As seqüências criadas foram distintas para cada dupla.

No segundo instante pedimos para que unissem as duplas, formando, então, quartetos. Cada dupla deveria demonstrar o que havia composto recentemente aos novos parceiros. A partir disso, propusemos que juntassem – da maneira que bem entendessem – os elementos apresentados pelas duas duplas. Desse modo eles estariam compondo uma nova apresentação em quartetos (junção das breves apresentações das duas duplas). Na presente etapa da aula, demos mais tempo aos alunos para se organizarem e treinarem a execução da recente criação. Apesar de auxiliá-los em alguns instantes, continuamos a maior parte como observadores.

Por fim, cada turma apresentou a sua composição ao grupo sem a preocupação de estar perfeito ou não. Pelo percebido, o grupo não se sentiu envergonhado ou tímido para realizar a demonstração. Contudo, esse processo de junção/criação foi de fato proveitoso por ter permitido aos alunos serem, de certa forma, autônomos durante a aula. Ainda enaltecemos na conversa final – e eles mesmos puderam verificar pelas apresentações – o quão é possível se fazer no Rope Skipping com apenas alguns elementos na bagagem.

ANÁLISE DA AULA 12

As atividades escolhidas para serem aplicadas durante essa aula são os destaques na presente análise. Consideramos ser riquíssimas para o desenvolvimento dos alunos essas experimentações de exercerem *a autonomia e a criatividade*. O Rope

Skipping permite-nos muito isso e devemos explorar mais vezes essa sua peculiaridade.

Porém, ao contrário do que possa parecer, isso não significa que a figura do professor esteja completamente ausente da aula. Sempre que se fizer necessário o professor pode e deve intervir junto aos alunos para *resolver problemas* referentes à execução de alguns elementos. Já no tocante ao processo de criação da seqüência, essa sim deve ser elaborada exclusivamente pelos alunos.

De negativo fica somente o fato de termos *pouco tempo de treino* para executar e apresentar a seqüência. Possivelmente seja benéfico e proveitoso retomar em outra oportunidade essas atividades novamente.

5.13 AULA 13 (07/10/04)

CONTEÚDO DA AULA 13 – CORDA SIMPLES (PEQUENAS)
AQUECIMENTO
- saltos simples com alternância de ritmo;
- saltos cruzando os braços (de frente e de costas) (Figura 7 e Figura 9);
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- traveller (a primeira pessoa vai saltando sua própria corda e passando, uma a uma, as demais enfileiradas lateralmente) (Figura 18);
- desafio: “cruza cruza” (após o primeiro salto cruzando os braços, executar outro logo em seguida apenas invertendo o braço que vai por cima) (Figura 19);
ALONGAMENTO

Quadro 13: Conteúdo programado para a aula 13.

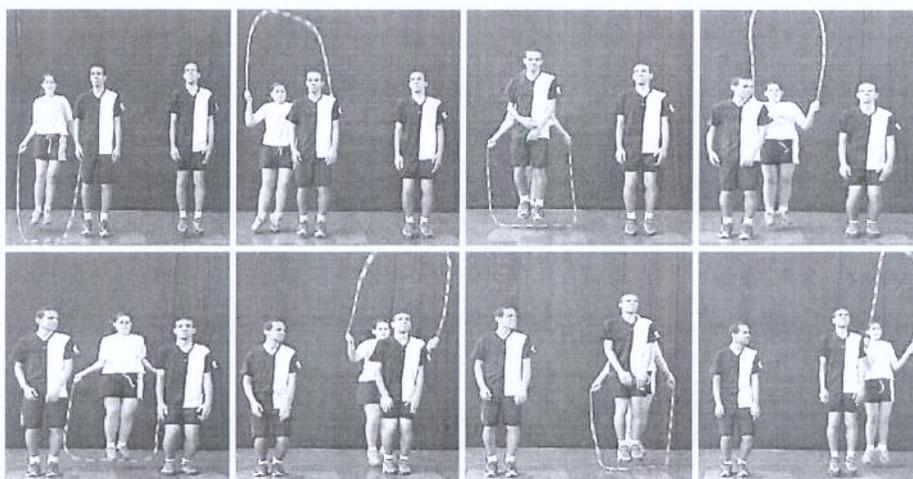


Figura 18: salto traveller.

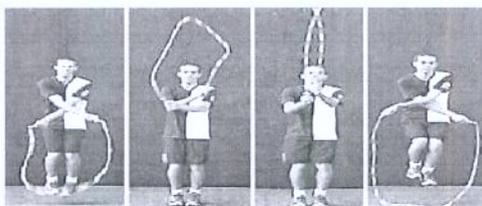


Figura 19: cruza-cruza.

RELATÓRIO DA AULA 13 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Neste dia ensinamos um salto novo que envolve mais uma vez a percepção do ritmo do outro. Realizamos o traveller que consiste em uma linha, um só integrante

deve estar com a corda e se deslocar para o lado para pegar o seu colega que dará um ou mais saltos apenas; este é deixado por aquele que está com corda que irá se deslocando para o lado para repetir o mesmo procedimento até o último da fileira. Ele pode ser realizado de várias formas: pela frente da pessoa, por trás dela, em ziguezague.

Um erro que aconteceu bastante na aula foi: ao invés do aluno se deslocar para o lado junto com a corda ele primeiro lançava a corda para o lado e depois se deslocava, o que fazia com que a corda enroscasse no colega. Para corrigir isso, só foi necessário explicar o que estava acontecendo e falar para a pessoa ficar mais próximo e um pouco atrás do outro para facilitar.

Após a realização de algumas variações propusemos o desafio do cruza-cruza e ficamos satisfeitos, pois a maioria realizou nas primeiras tentativas.

RELATÓRIO DA AULA 13 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Apenas nove alunos estiveram presentes nessa aula, possivelmente pela véspera do final de semana prolongado (feriado de 12 de outubro), em que muitos vão viajar. A aula fluiu mais tranquilamente com esse número reduzido de alunos e estes até solucionaram os problemas com maior facilidade. Provavelmente isso se deva ao fato do professor estar intervindo mais constantemente.

De início, no aquecimento, realizamos alguns saltos simples alternando o ritmo dos mesmos. Devido à facilidade com que os alunos conseguiram assimilar a alternância de ritmos, inserimos a dificuldade de realizá-los em sincronia, todos juntos. Sem a necessidade de qualquer orientação por parte dos professores, os alunos cumpriram essa solicitação. Também relembramos no aquecimento os saltos cruzados de frente e de costas, pois iríamos ensinar um novo elemento nessa aula que era semelhante.

Em seguida apresentamos o que costumamos chamar de traveller no rope skipping. Normalmente uma pessoa saltando uma corda simples caminha lateralmente “pegando” outras que estão enfileiradas saltando sem nenhuma corda. Após nossa demonstração, dividimos os alunos em duplas e solicitamos que eles experimentassem

o movimento. Deixamo-los praticando por pouco tempo nessa etapa, pois as dificuldades foram pequenas e, quando elas apareciam, os próprios alunos se auxiliavam.

Depois demonstramos um elemento semelhante a esse, porém passando pela frente de quem está sem a corda. Nesse caso já houve mais dificuldades por parte dos alunos, mas nada que não conseguissem superar com nossas sutis intervenções. Curiosamente um aluno não assimilou corretamente nossa demonstração e começou a fazer batendo a corda para trás e mesmo assim obteve sucesso na sua tentativa. Percebemos logo que ele começou o movimento, mas somente depois comunicamo-lo que ele estava realizando de uma maneira diferente, porém igualmente interessante.

Superada essas etapas, então pedimos para que realizassem a mesma tarefa, tanto de frente quanto de costas, em turmas de quatro pessoas enfileiradas. Foi necessário maior dedicação e oferecimento de mais dicas para a realização dessa tarefa, porém também foi cumprida por todos satisfatoriamente. Por ter poucos alunos presentes e estes realizarem as tarefas anteriores rapidamente, foi possível até avançar um pouco e experimentar a passagem entre duas pessoas (uma à frente e outra atrás), mas sem muito sucesso ainda.

Posteriormente apresentamos um novo salto que consiste em realizar dois cruzados consecutivos, o primeiro com o braço direito à frente e o segundo com o braço esquerdo, ou vice-versa. Para nossa surpresa os alunos foram conseguindo realizá-lo um a um sem que fosse necessária a nossa intervenção. Foram dadas pequenas dicas em apenas alguns casos. Como ainda assim sobrou um tempo de aula, relembramos um salto complexo ensinado em aulas anteriores.

Algo digno de se relatar dessa aula foi o mútuo auxílio prestado entre os alunos. Constantemente um aluno que havia realizado logo nas primeiras tentativas prestava informações a outro que não havia tido sucesso.

ANÁLISE DA AULA 13

Novamente pudemos observar que a *orientação didático-pedagógica* dos professores no que se refere à *solução dos problemas* esteve voltada para o

oferecimento de *pistas* aos alunos; isto é, ao se depararem com alguma dificuldade, a *resposta não era apresentada prontamente*. Reforçamos essa atitude como a mais indicada, já que o propósito é fazer com que o próprio aluno *descubra e construa as respostas aos desafios gerados na aula*.

Em alguns casos, conforme o relatado, a instrução com o *oferecimento de dicas e pistas* nem sequer foi necessário. Ora os alunos cumpriam sozinhos as tarefas, ora se *auxiliavam mutuamente*. Se isso não ocorrer espontaneamente entre os alunos, devemos *incitar* neles essa atitude de *cooperação* a fim de que percebam a sua importância para o aprendizado.

No que se refere ao desafio do *traveller*, consideramos importante também a *gradação do nível de complexidade* de execução dos exercícios. Saiu-se a partir do que é mais simples até chegar ao que é mais complexo. Mesmo que a última tarefa não tenha sido cumprida perfeitamente, as anteriores já possibilitaram aos aprendizes experimentarem e se divertirem com a novidade.

5.14 AULA 14 (14/10/04)

CONTEÚDO DA AULA 14 – CORDA GRANDE
AQUECIMENTO
- passar sem saltar nenhuma vez (zerinho) pelas duas cordas alternadas (double dutch) (Figura 20);
ALONGAMENTO
ATIVIDADES PROGRAMADAS
- aprender a batida e saltar nas duas cordas alternadas sendo batidas no sentido contrário;
- aprender a batida e realizar os saltos duplos nas cordas alternadas (double dutch com as duas cordas passando por baixo após cada salto);
ALONGAMENTO

Quadro 14: Conteúdo programado para a aula 14.

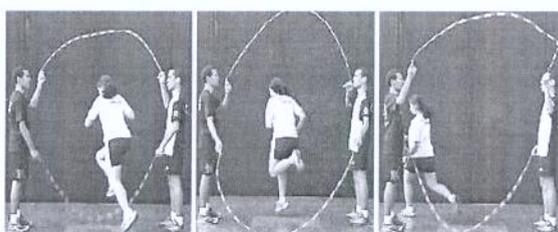


Figura 20: zerinho nas duas cordas alternadas.

RELATÓRIO DA AULA 14 DO PROFESSOR 1 (M.B.S.)

Iniciamos a aula com o zerinho nas cordas duplas. Apenas algumas pessoas da turma tiveram dificuldade, pois para que a corda não parasse, a pessoa deveria sair correndo e, fazendo isso na diagonal, assim como na entrada, ficaria mais fácil para o aluno sair sem errar. Porém, o que aconteceu é que muitos alunos tentaram sair pelo lado da corda, não conseguindo dar continuidade a batida da mesma o que dificultou a realização do desafio que era que não houvesse nenhuma batida vazia, ou seja, a cada tempo de entrada, um aluno deveria passar zerinho.

Após o alongamento continuamos com a corda dupla, porém invertemos o sentido no qual ela estava sendo batida. A maior dificuldade encontrada nessa situação foi a alteração no ritmo de salto no momento da entrada na corda, após o aluno conseguir entrar, os saltos continuavam com facilidade.

A outra atividade que realizamos foi o duplo nas cordas grandes. Para tanto, dividimos a turma em dois para que um professor batesse a corda, pois haveria alteração de ritmo devendo passar as duas cordas alternadamente, porém rapidamente, em apenas um salto da pessoa que está no meio da corda. Antes de um primeiro saltador, efetuávamos o treino de como bater o duplo com a corda grande, realizávamos duas ou três vezes a contagem e a batida com o retorno ao ritmo normal. Para aqueles que saltavam, a dificuldade foi só nos primeiros saltos até a compreensão do movimento que exige a quebra de ritmo e retorno rápido ao mesmo. Algumas pessoas tinham mais dificuldade de realizar tanto a batida quanto o salto, porém após um tempo todos conseguiram saltar mais de uma vez. Percebendo que a pessoa havia compreendido o movimento, coloquei o desafio de dar mais de um salto duplo, ou seja, dois saltos duplos seguidos, alcançando até três saltos seguidos, sempre realizando o treino da batida de corda. Todos realizaram tanto o salto quanto a batida.

RELATÓRIO DA AULA 14 DO PROFESSOR 2 (L.O.M.)

Na décima quarta aula – com a presença de dez alunos – propusemos apenas duas atividades novas com cordas grandes. É provável que tenha sido pouco, mesmo assim foi possível praticá-las por todo o tempo de aula sem que houvesse desmotivação ou desânimo por parte dos alunos. Antes disso, durante o aquecimento, dividimos em duas turmas e realizamos a atividade do “zerinho” com as duas cordas batidas alternadamente. Sem muitos problemas, intervimos muito pouco nessa parte da aula. Nos raros instantes de dificuldades dessa atividade solicitamos para que os próprios alunos se auxiliassem, o que surtiu efeito, pois todos deram conta de executar a tarefa. Como fator complicador, sugerimos ainda que passassem pela corda todos eles em seqüência. Em virtude do pouco tempo que tiveram para tentarem, ora realizaram com sucesso, ora não.

A primeira atividade apresentada consistiu na batida das duas cordas grandes num sentido inverso ao comum (double dutch). Nesse instante dividimos o grupo em três turmas e a dificuldade inicial ficou mesmo em entrar nas cordas com essa nova maneira de bater. Sendo assim, esperamos primeiramente que todos tentassem entrar

sem o oferecimento de dicas e, em seguida, pedimos aos alunos que foram bem sucedidos para auxiliar aqueles que não haviam conseguido. Se ainda assim o aluno não conseguisse entrar, intervínamos oferecendo mais dicas. A dificuldade maior enfrentada pelos alunos centrava-se na contagem das cordas e na velocidade de entrada, mas após os procedimentos aplicados todos superaram mais essa tarefa.

A atividade seguinte exigiu um pouco mais de empenho por parte dos alunos. Apresentamos a eles o salto duplo nas cordas grandes batidas alternadamente. Foi necessário dividir o grupo em duas turmas apenas, já que a batida requeria que ao menos um professor estivesse presente no comando das cordas. Trata-se de um movimento de alternância brusca de ritmo, o que dificulta a perfeita execução dos alunos. Desse modo, cada professor ficou com uma turma comandando a batida das cordas em conjunto com outro aluno e, mesmo assim, as dificuldades se fizeram presentes. No que se refere à maneira de saltar, todos os alunos compreenderam e executaram muito bem, no entanto poucos foram capazes de bater as cordas de forma satisfatória. Talvez tenha sido uma atividade imprópria para o atual nível de desenvolvimento dos alunos, pois das diversas tentativas de execução poucas foram bem sucedidas.

ANÁLISE DA AULA 14

Na conduta da primeira tarefa, se torna válido enaltecer a inserção de um *fator complicador* após a sua realização por inteiro pelos alunos. A partir da constatação de que os aprendizes já haviam superado o primeiro *desafio* de passarem diretamente pela corda, fomos bem sucedidos em propor que começassem a passar em seqüência. Com isso aumentamos o *grau de dificuldade* de realização da tarefa adequando-a ao nível de desenvolvimento dos alunos.

Já durante a aplicação da segunda tarefa, podemos destacar a estratégia de primeiramente permitir que os próprios alunos a *superassem sozinhos*, ou seja, sem o nosso auxílio. Consideramos esse momento como sendo um *momento exploratório* e fundamental ao processo de aprendizagem. O instante seguinte – instante de *mútuo*

auxílio entre os alunos – também foi satisfatório pelo fato de provocar um *ambiente de interação* entre os alunos.

Ao que consta nos relatórios, durante a realização da última tarefa houve uma turma que conseguiu cumpri-la por completo e outra que não. Possivelmente a batida das cordas foi mais bem assimilada por aqueles que obtiveram sucesso na execução do exercício. Se esse realmente for o motivo desse fato ter ocorrido, convém numa outra oportunidade *mesclar as turmas* a fim de que aqueles que saibam bater corretamente *interajam* com aqueles que ainda não aprenderam e, assim, possibilitem também aos demais pelo menos saltar.

5.15 ANÁLISE GERAL E SUGESTÕES

A leitura minuciosa da análise de cada uma das catorze aulas observadas nos permite identificar diversos temas com infinitas possibilidades de proposições a respeito de cada um deles. No entanto, nesse momento, pretendemos centrar nossas discussões apenas sobre as colocações que mais se fizeram presentes durante as referidas análises. Tentaremos abordar somente os temas que julgamos de maior relevância e/ou que ainda não receberam o devido tratamento que necessitam.

O primeiro deles, verificado logo nas aulas iniciais, refere-se à dificuldade dos alunos em controlar o ritmo ou até mesmo promover a sua alternância nos saltos individuais com a corda simples. Isto é, percebemos que cada aluno possui o seu próprio ritmo para saltar (ritmo interno); uns mais rápidos outros mais lentos. Convém que, diante disso, não sejamos excludentes e respeitemos essa individualidade que cada um apresenta, incluindo tarefas que solicitem a execução das várias possibilidades rítmicas de saltos.

Todavia, o Rope Skipping, em sua prática, exige o domínio de diferentes ritmos e sua constante alternância. Por esse motivo, seria imprescindível que os alunos conhecessem e experimentassem os vários ritmos possíveis de se saltar, mas, para isso, faz-se necessário que os mesmos adquiram a habilidade de conduzir a corda conciliando a coordenação dos saltos. Trata-se de uma tarefa de difícil execução para iniciantes. Analisando a nossa postura assumida, não foi o caso de aplicarmos em nossas aulas, porém, entendemos que um possível meio de trabalharmos esse aspecto da variabilidade e alternância dos ritmos seria utilizando músicas, principalmente aquelas em que a percussão é bem nítida. Desse modo, um exemplo de exercício consistiria nos alunos saltarem com a corda conforme o ritmo demarcado pela música – umas mais rápidas, outras mais lentas.

Nessa situação em especial, de acordo com o que vimos, a dificuldade consistia em variar o ritmo dos saltos individualmente. Contudo, houve também problema com relação ao ritmo quando realizamos tarefas coletivas, inclusive com cordas grandes. Nesse caso, o empecilho era o confronto entre os alunos que possuíam o ritmo interno diferente, ou seja, havia dificuldade entre eles para adaptarem-se ao ritmo externo.

Perante essa dificuldade, sugerimos que seja feito o mesmo que na situação anterior (individual): trabalharmos mais intensamente a variabilidade dos ritmos fazendo uso de músicas logo nas primeiras aulas. Com isso, os alunos vão para essas atividades já sabendo ajustar-se à alternância e à variação dos ritmos.

Outro aspecto presente também nas primeiras aulas, particularmente naquelas realizadas com cordas grandes, foi a baixa dinamicidade de algumas atividades. Isso ocasionava certa inatividade dos alunos. A fim de evitarmos essa inatividade e adequarmos nosso trabalho ao interesse dos alunos em melhorar o condicionamento físico com a prática dessa modalidade, convém repensarmos a estruturação da aplicação de algumas tarefas. Com relação a isso, observamos que a divisão do grupo em pequenas turmas é uma estratégia satisfatória, pois, exige uma participação contínua de cada aluno no cumprimento da atividade. Sendo assim, essa é a nossa proposta como meio de superar essa dificuldade verificada: elaborar mais exercícios que possibilitem a aplicação em pequenas turmas.

Ainda no tocante à formação de pequenas turmas para a realização das tarefas, pudemos verificar intensamente nas análises das catorze aulas que, de fato, trata-se de uma estratégia proveitosa, pois, conforme o revelado pela nossa experiência, além de contribuir para combater a inatividade, facilita no processo de aprendizado dos alunos. Isso tanto para as aulas com cordas grandes quanto para as aulas com cordas pequenas.

Constatamos em nossa prática que a referida formação – em pequenas turmas – é capaz de gerar um ambiente de cooperação/colaboração entre os alunos que contribui em muito para o aprendizado dos mesmos. Oliveira (1997, p. 57), orientando-se nas proposições de Vygotsky sobre esse aspecto afirma o seguinte:

Há tarefas que uma criança não é capaz de realizar sozinha, mas que se torna capaz de realizar se alguém lhe der instruções, fizer uma demonstração, fornecer pistas, ou der assistência durante o processo.

De forma semelhante, Rego (1995, p. 74) coloca que:

O aprendizado é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual.

Apesar das duas afirmações referirem-se à criança, compreendemos que as colocações aplicam-se perfeitamente à faixa etária com que trabalhamos (jovens e adultos). Contudo, o que realmente nos interessa delas é o fato da interação de um aluno com o companheiro, durante a realização das tarefas, ter um efeito profícuo no processo de ensino-aprendizagem de ambos. Talvez, de tudo que desejamos inferir nessa análise geral das catorze aulas, esta de promover tarefas em pequenas turmas seja a mais significativa de todas.

Digno também de se destacar na presente análise é o fato de constantemente aplicarmos desafios nas aulas ou, então, inserirmos fatores complicadores na execução dos movimentos. De acordo com o experimentado por nós, essa estratégia se deu com a aprovação tanto dos professores quanto dos alunos. O valioso do desafio é que ele se adianta ao desenvolvimento do aluno, isto é, se dirige para um novo estágio do processo de desenvolvimento. Vygotsky (1998, p. 116) enaltece que *“o aprendizado orientado para os níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança”*. Porém, ao aplicarmos desafios, devemos conhecer bem o nível de habilidade em que se encontram os aprendizes para que este (o desafio) não extrapole em muito a capacidade de execução dos mesmos. Caso isso ocorra, ao invés de estimular os alunos, estaremos desanimando-os com a frustração de não cumprir o desafio proposto.

O ideal é sempre graduarmos as tarefas das mais simples para as mais complexas, e, a cada vez que apresentarmos uma atividade nova (demonstração) devemos solicitar primeiramente que os alunos executem-na da maneira que entenderem, sem rigorosidade com relação a detalhes. Obviamente que o desempenho de cada um nesse instante vai variar, porém, consideramos que essa etapa de exploração livre do movimento é válida de ser aplicada para todos no processo de aprendizagem. A partir do que os aprendizes individualmente puderem desenvolver nesse momento é que o professor vai direcionar seu posterior ensino.

Quanto a esse ensino é que gostaríamos de discorrer um pouco mais detalhadamente. Percebemos em alguns relatórios e análises que a atitude dos professores com relação à instrução pedagógica de ensinamento ou correção de movimentos se deu de uma maneira um pouco diferente da convencional. Nas aulas do presente projeto de extensão, os professores, quando se deparavam com a necessidade de instruir alguém, primeiramente solicitavam que isso fosse feito por algum colega mais adiantado na realização do mesmo movimento. Constantemente essa estratégia foi aplicada pelos professores nas aulas e o resultado sempre se demonstrou satisfatório, principalmente pela sua capacidade em gerar autonomia no grupo trabalhado.

A orientação dos professores vinha somente depois de respeitadas as etapas anteriores e, ainda assim, a resposta ao problema enfrentado não era oferecida diretamente. A intervenção se fazia questionando o aluno em que parte do exercício ele estava errando, a fim de levá-lo a identificar a falha e, desse modo, ele próprio corrigir-se. Normalmente também apresentávamos pistas ou dicas. Ou seja, era estimulada uma verdadeira reflexão por parte do aprendiz sobre a dificuldade em questão. No entanto, vale ressaltar que em muitas das vezes isso nem sequer era preciso em nossa experiência, já que os próprios alunos conseguiam resolver as tarefas sozinhos ou, então, com o mútuo auxílio prestado entre eles.

Além da geração do ambiente cooperativo e do oferecimento de pistas e dicas para a resolução de problemas, utilizamo-nos também do recurso da imitação para exercer nossa função de professores. Nem todos têm a mesma capacidade de assimilar facilmente uma explanação verbal de um movimento e é justamente aí que a imitação se faz útil. Não bastasse isso, ainda existe o fato do Rope Skipping estar repleto de movimentos diferentes, de certa forma até estranhos ao executante, o que dificulta em muito as suas explicações por outro meio que não seja o visual. Palangana (1994, p. 122), fundamentado também em Vygotsky, considera que a imitação desempenha um papel importante na aprendizagem:

Numa atividade coletiva, ou sob a orientação dos adultos, elas (as crianças) podem aumentar suas capacidades de desempenho, pois a imitação de atos ou habilidades cujo conteúdo vai além da capacidade real da criança cria zonas de desenvolvimento proximal.

Não podemos deixar de destacar também a medida tomada pelos professores de rotineiramente recordar a execução dos saltos aprendidos em aulas anteriores. Pelo verificado, tratou-se de uma medida que auxiliou em muito os alunos no que se refere à automatização dos movimentos recém aprendidos. Serviu também para, ao menos, apresentar os “saltos novos” àqueles que estiveram ausentes em aulas passadas. A maneira como podemos aplicar a medida da qual nos referimos é variável. Na maioria das vezes optamos por solicitar que os próprios alunos fossem relembrando e executando os saltos um de cada vez. Dessa forma acreditamos reforçar o exercício da autonomia nos alunos.

Com relação a outro aspecto importante – o tempo efetivo de aula (uma hora) – nem sempre conseguimos utilizá-lo por completo. Muitas vezes os alunos atrasavam-se por alguns minutos e, por causa disso, nosso tempo acabava ficando reduzido. Raras foram as ocasiões em que esse tempo reduzido de aula nos trouxe prejuízos significativos, mas é evidente que poderíamos ter avançado mais em diversas atividades se possuíssemos um tempo maior para desenvolvê-las. Pensando num período de duração adequado para a realização de cada aula de iniciação, possivelmente uma hora e meia seja o indicado, entretanto, nesse caso, deve-se também levar em consideração o efeito negativo que o fator cansaço pode provocar no desempenho dos aprendizes.

Por último, destacamos o efeito positivo proporcionado em nossos ensinamentos quando aplicamos nas aulas alguns jogos e brincadeiras lúdicas. Mesmo sendo conhecidas como brincadeiras infantis (“um homem bateu em minha porta”, “salada saladinha” etc.) o resultado obtido com os adultos, conforme observamos, foi igualmente satisfatório, pois, além de trabalhar a questão do ritmo, estimulou e desenvolveu a orientação espacial e a orientação temporal de maneira prazerosa para o aluno.

Obviamente que muitos outros acontecimentos tratados nas análises individuais das catorze aulas observadas poderiam fazer parte dessa análise geral. Compreendemos que ao olhar de outros pesquisadores essa abordagem apresentaria diferentes temas que não foram considerados por nós. No entanto, os pontos que selecionamos e discutimos aqui representam o que o nosso olhar crítico percebeu de

mais relevante no desenvolvimento deste estudo. Pensamos em incluir outros aspectos, mas pelo fato de já terem recebido um tratamento mais profundo na própria análise individual, julgamos desnecessário inseri-los novamente nesse momento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de tantos relatórios e análises de aulas somos incitados, nesse momento, a refletir mais profundamente sobre eles de uma maneira geral. Com certeza, graças a esses dados, pudemos compreender melhor o ambiente da iniciação esportiva na modalidade Rope Skipping. De tudo que observamos, alguns itens merecem nossa atenção especial e é isso que faremos a seguir.

6.1 Conhecer as intenções e os interesses dos alunos:

Logo no nosso primeiro contato com o grupo que acompanhamos na presente pesquisa, fizemos questão de conhecê-los melhor e saber mais sobre suas intenções para com a prática do Rope Skipping. Especificamente para o nosso caso, aplicamos um questionário (APÊNDICE A) que colheu algumas informações muito preciosas para o andamento do nosso trabalho. Foi a partir dessas informações coletadas que realizamos alguns ajustes na proposta de trabalho que tínhamos para ser desenvolvida junto ao projeto de extensão. Por exemplo, identificamos nos dados obtidos do questionário que a maioria dos alunos desejava melhorar o condicionamento físico com o ingresso no projeto e, com isso, adequamos as atividades a fim de que os mesmos se exercitassem bastante no período que lá estivessem presentes. Isto é, se nossas aulas fossem muito estáticas, com certeza não iríamos afetar o condicionamento físico dos alunos, o que, muito provavelmente, os deixariam insatisfeitos com a modalidade. No entanto, imaginemos a seguinte situação: se por ventura o desejo do grupo com relação ao ingresso no projeto fosse fazer novas amizades; qual decisão seria a mais indicada para tomarmos nessa circunstância?

Sendo assim, o que queremos inferir é que se faz importante, desde o início do trabalho, independente do lugar que seja (academia, clube etc.), ter conhecimento dos interesses do grupo para com a modalidade. Desse modo, podemos programar melhor nossas atividades de acordo com os propósitos dos alunos.

6.2 Estímulo ao aprendizado, ao desenvolvimento social, à solidariedade e à empatia:

Mesmo tendo a ciência de que a intenção dos alunos ingressantes no projeto de extensão era o de melhorar o condicionamento físico, não deixamos de zelar pelos nossos propósitos de estimular o aprendizado, o desenvolvimento social, a solidariedade e a empatia. Na verdade, foi possível atingir o interesse de ambas as partes, bastou-nos alguns ajustes. A elaboração e a maneira de aplicação das atividades sempre visavam promover ambientes favoráveis ao estímulo dos aspectos anteriormente mencionados. Particularmente, obtivemos maior sucesso nessa função quando realizamos tarefas que privilegiavam o empenho dos alunos em pequenas turmas. Nesse momento o desafio de superação em grupo de uma tarefa qualquer solicitada, além de estimular o aprendizado, gerava neles um espírito de companheirismo propício para o desenvolvimento da solidariedade e da empatia. Vale ressaltar, no entanto, que consideramos fundamental trabalhar esses valores humanos na iniciação de todas as modalidades. Vemos isso como uma função intrínseca do professor, esteja ele ensinando esporte ou qualquer outra coisa que seja.

6.3 Incentivo à autonomia, criticidade e criatividade:

A maneira como conduzimos nossas aulas no projeto de extensão da FEF/UNICAMP também favorecia em muito o exercício da autonomia, da criticidade e da criatividade dos aprendizes. A autonomia vinha normalmente quando permitíamos que os alunos tivessem a liberdade de tomarem a decisão por si mesmos e, conseqüentemente, assumissem a responsabilidade por ela (a decisão). Essa mesma liberdade que geralmente dávamos aos alunos para ousarem na criação de novas formas de saltar também incentivava o exercício da criatividade. Em virtude do Rope Skipping ser recente e sua prática estar dotada de possibilidades ainda inexploradas, muitas foram as vezes que a criatividade pôde ser incentivada. Já a criticidade esteve presente toda vez que algum aluno questionou um colega ou até mesmo o professor no que se refere à forma mais eficiente de se cumprir uma tarefa, por exemplo. Evidentemente que, nesse caso, o aluno tinha de obrigatoriamente ser ouvido e atendido para que se caracterizasse de fato a ação crítica do mesmo e, desse modo, outros se sentissem à vontade para seguir o seu exemplo. Entendemos que, assim

como os aspectos do item anterior, a autonomia, a criticidade e a criatividade também devem fazer parte da prática de ensino do professor.

6.4 Nossa peculiar conduta pedagógica no ensinamento do Rope Skipping:

Graças à satisfação proporcionada, fazemos questão de enaltecer a forma como realizamos nossos ensinamentos na presente pesquisa. Diferente do que convencionalmente acontece com outras modalidades, em nossas abordagens costumávamos valorizar mais o sujeito do aprendizado, ou seja, o aluno. Permitíamos que estes participassem mais ativamente no processo de ensino e aprendizagem. Ao apresentarmos uma nova tarefa – conforme já descrito anteriormente – inicialmente atuávamos como observadores do grupo, identificando possíveis falhas de execução que estivessem aparecendo. Em seguida, agíamos individualmente, aluno por aluno, no sentido de fazer o próprio aprendiz perceber em que consistia a sua falha. Geralmente não apontávamos o problema – muito menos a solução – diretamente ao aluno; preferíamos, antes, induzi-lo a uma reflexão de qual seria a dificuldade existente para a realização daquele movimento em específico. A partir disso, continuávamos nossas instruções de uma maneira também particular – oferecendo dicas, por exemplo. Contudo, só por isso já podemos considerar nossa conduta pedagógica diferenciada da normalmente praticada por outros professores. Julgamos interessante esse tipo de abordagem, pois leva também em conta a formação global do indivíduo, indo além da exclusiva construção de um atleta.

6.5 A exploração do caráter lúdico do Rope Skipping nas aulas:

O pular corda como todos nós sabemos trata-se de uma brincadeira típica do universo infantil. Mesmo essa brincadeira tendo recebido uma acentuada sistematização em sua prática até se tornar modalidade esportiva, não perdeu seu caráter lúdico. Durante nossa jornada na presente pesquisa, verificamos que o pular corda ainda encanta muitos jovens e adultos. Seria fundamental não ignorarmos esse fato jamais – seja na iniciação ou no treinamento – a fim de que tornemos o nosso trabalho o mais prazeroso possível. Pela nossa experiência com esse estudo sugerimos que seja feito exatamente o oposto, isto é, exploremos na iniciação cada vez mais a

ludicidade intrínseca ao Rope Skipping, pois, não bastasse o prazer gerado na prática, é eficaz como meio de ensino-aprendizagem. Constatamos isso em diversas tarefas cujas execuções pelos alunos se faziam de maneira lúdica. Portanto, até mesmo as brincadeiras tidas como infantis e por isso não muito valorizadas são úteis nos ensinamentos; basta apenas que sejam inseridas em momentos oportunos e com algum propósito específico.

6.6 A variabilidade de ação sobre a proposta apresentada:

Está longe de nossa intenção sugerir que a proposta apresentada nesse estudo seja interpretada como sendo a única possibilidade de trabalharmos com a iniciação ao Rope Skipping. O que desenvolvemos nessa pesquisa trata-se apenas de um modelo baseado em nossas experiências anteriores com relação à referida modalidade. Após os relatórios e análises realizados ficou evidente que muito da nossa pesquisa pode ser aproveitado para ser aplicado nos ensinamentos do Rope Skipping. Contudo, vale a pena ressaltar que outras possibilidades ainda podem ser desenvolvidas. Até mesmo esta nossa proposta pode variar, isto é, as diversas atividades aplicadas em nossas aulas permitem outras explorações e abordagens.

6.7 O efeito dos relatórios sobre a nossa prática pedagógica:

Por último, gostaríamos de destacar a importância que a realização dos relatórios adquiriu perante a nossa conduta pedagógica. O exercício de registrar por escrito os acontecimentos das aulas e, em seguida, analisá-los, modificou em muito a nossa postura como professores. No decorrer das aulas ficamos mais atentos para alguns detalhes que antes passavam despercebidos. Baseados nos relatos descritos de experiências anteriores, tornou-se mais fácil prever possíveis dificuldades que uma atividade ou outra poderia apresentar durante a sua execução. Sem dúvida nenhuma houve uma melhora considerável na qualidade do nosso trabalho a partir do momento que começamos a realizar as descrições acompanhadas das análises.

Diante de tudo isso, ficamos com a certeza de que este trabalho contribuirá em muito para atuação de outros profissionais que venham a trabalhar com o Rope

Skipping, independente do lugar que seja. Vários aspectos foram apresentados a partir dessa nossa investigação. No entanto, somos sinceros em admitir que há muito ainda a se investigar e conhecer sobre o ensinamento dessa modalidade que acaba de chegar ao Brasil. Fica, então, essa possibilidade de investigação à disposição de outros estudiosos que se interessarem pelo tema.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for Education**. Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1982 apud LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

EUROPEAN Rope Skipping Organization (ERSO). Organização Europeia de Rope Skipping. Disponível em: <<http://www.erso.org>>. Acesso em: 26/07/04.

FEDERAÇÃO Internacional de Rope Skipping. Disponível em: <<http://www.fisac.org>>. Acesso em: 30/07/04.

GARNIER, C.; BEDNARZ, N.; ULANOVSKAYA, I. [et. al]. A aprendizagem como atividade coletiva: escolha e organização das atividades segundo as correntes soviética e sócio-construtivista. _____. **Após Vygotsky e Piaget: perspectiva social e construtivista**. Escolas russa e ocidental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 207-222.

GAMBOA, S. S.; SANTOS FILHO, J. C. (org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. (5ª ed.). São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 42).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J. A pesquisa Qualitativa. FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p 47-58.

MAURI, T. **O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares?** In: Cool, C. (org.) **O construtivismo na sala de aula** (tradução de Cláudia Schilling). São Paulo: Ática, 1996 apud VELARDI, M. **Metodologia de Ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico**. 1997. 186 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

MOSSTON, M. **La Enseñanza de la Educacion Física: del comando al descubrimiento**. Versão de José Penhos. Argentina: Paidós, 1978.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e Ação no Magistério).

ONRUBIA, J. **Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir**. In: Cool, C. (org.) **O construtivismo na sala de aula** (tradução de Cláudia Schilling). São Paulo: Ática, 1996 apud VELARDI, M. **Metodologia de Ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico**. 1997. 186

folhas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: (a relevância do social)**. São Paulo: Plexus, 1994.

PEREIRA, S. R. C. **Dança na Escola: princípios didático-pedagógicos fundamentados na psicologia histórico-cultural de Vygotsky**. 1997. 162 folhas. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1997.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. (Coleção: Educação e Conhecimento).

SATO, A. P. B. **Rope Skipping: uma nova modalidade esportiva**. 2002. 30 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

VELARDI, M. **Metodologia de Ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico**. 1997. 186 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizado por Michael Cole...[Et al]. Tradução de José Cipola Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. (6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

7.1 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMERICAN Double Dutch League. Clube Americano de Rope Skipping. Disponível em: <http://www.addl.org>.

Cendali, Richard. **Skip-it**. Estados Unidos da América, 1977.

INTERNATIONAL Rope Skipping Federation. **Rope Skipping: school and sport**. Vídeo. 1999.

KALBFLEISCH, S. E.; HARRIS, J.; ELBOURN, J. **Skip to health**. Ancaster: Ceta Publishing, 1990.

KALBFLEISCH, S. E. **Skip to It: the new skipping book**. Londres: A&C Black.

KALBFLEISCH, S. E.; BAILEY, T. **Double Dutch Handbook**. Ancaster: Ceta Publishing, 1987.

MADSEN, K. R. **Rope Skipping sjov sjipling: teknik og tricks**. Dinamarca.

RIDER, N. **Rope Skipping for beginners (mimeo)**. Gent, Bélgica.

RIVIERENHOF Club. Clube de Rope Skipping da Bélgica. Disponível em:
<<http://www.rivierenhof.com>>.

WIESCHER, I. **Rope Skipping: tips und tricks der rocky girls**. Alemanha, 1994.

8 APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos no início das aulas

Projeto de Extensão de Rope Skipping da Faculdade de Educação Física da Unicamp

Nome:
Telefone(s):
e-mail:

Idade:	Sexo	<input type="checkbox"/>	Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino
--------	------	--------------------------	-----------	--------------------------	----------

Endereço					
<input type="checkbox"/>	Fora de Campinas	<input type="checkbox"/>	Dentro de Barão Geraldo	<input type="checkbox"/>	Fora de Barão Geraldo

Qual o seu vínculo com a UNICAMP?					
<input type="checkbox"/>	Aluno	<input type="checkbox"/>	Funcionário	<input type="checkbox"/>	Nenhum

Você já conhece o Rope Skipping?		<input type="checkbox"/>	Sim	<input type="checkbox"/>	Não
----------------------------------	--	--------------------------	-----	--------------------------	-----

Caso afirmativo, por onde tomou conhecimento?(responda somente se já conhecer o RS)	
<input type="checkbox"/>	TV
<input type="checkbox"/>	Jornal
<input type="checkbox"/>	Internet
<input type="checkbox"/>	Curso, Aula Aberta, Workshop, etc.
<input type="checkbox"/>	Apresentação de algum grupo (performance)
<input type="checkbox"/>	Amigo
<input type="checkbox"/>	Outro (qual?)

Como tomou conhecimento do Projeto de Extensão de Rope Skipping da Fef/Unicamp?	
<input type="checkbox"/>	Pelo site da Codesp
<input type="checkbox"/>	Por um amigo
<input type="checkbox"/>	Outro (qual?)

Qual motivo levou você de fato a fazer a inscrição para esse projeto? (assinale apenas uma alternativa)	
<input type="checkbox"/>	Pela isenção da taxa de inscrição
<input type="checkbox"/>	Pelo interesse em conhecer ou saber mais sobre o Rope Skipping
<input type="checkbox"/>	Por convite de alguém
<input type="checkbox"/>	Outro (qual?)

Aponte a alternativa (apenas uma) que melhor represente sua pretensão com relação a esse projeto	
<input type="checkbox"/>	Vim para praticar uma nova modalidade esportiva
<input type="checkbox"/>	Vim para melhorar meu condicionamento físico
<input type="checkbox"/>	Vim para fazer novas amizades
<input type="checkbox"/>	Vim para satisfazer uma curiosidade com relação ao Rope Skipping
<input type="checkbox"/>	Não sei
<input type="checkbox"/>	Outro (qual?)